

Maluf escorraçado em todo o Nordeste

Novas demonstrações de apoio do povo a Tancredo

Multidões ainda maiores que as da campanha pelas diretas acorreram aos comícios de Belém e Manaus (na foto, a manifestação no Pará). Págs. 3 e 10



Terminou com um impressionante fiasco a romaria de Paulo Maluf pelas capitais nordestinas. Dos nove governadores da região, todos do PDS, seis já anunciaram que apóiam Tancredo, dois estão em vias de fazer o mesmo e apenas um, o da Paraíba, tende para Maluf. Quanto ao povo nordestino, em toda parte deixou claro que repudia o candidato do regime militar, do fascismo e da corrupção. Pág. 3.

Foto: Rosa Gaudiano



Regulamentação sai sob protestos dos malufistas e do PT

Votação na Câmara para regularizar o Colégio Eleitoral venceu a obstrução e a tentativa malufista de impor o voto secreto. Página 4

Operários do ABC não se iludem com a tese do boicote

A TO ouviu os metalúrgicos da Volkswagen de São Bernardo: a grande maioria acha que é preciso votar em Tancredo no Colégio. Pág. 4

Decisão do STF joga com vida de Mário Firmenich

Na quarta-feira, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu negar o habeas-corpus impetrado a favor do revolucionário argentino Mário Eduardo Firmenich, confirmando, dessa forma, sua extradição. Ameaçado de morte na Argentina por extremistas de direita, Firmenich ficará exposto à sanha criminosa dos remanescentes do regime militar naquele país, se for consumada a decisão do STF. Seu crime foi ter ousado combater de armas nas mãos a ditadura fascista implantada em 76 pelos generais. O fato deixa evidente o caráter de classe da Justiça, o parcialismo e o ódio que a orienta no julgamento daqueles que lutam até as últimas consequências contra a opressão dos poderosos. Para que não se tenha dúvidas sobre isso, basta que se lembre da multidão de criminosos exilados no país, "esquecidos" quando não acobertados pelo poder. Por outro lado, o episódio evidencia, também, o caráter vacilante e burguês do governo Alfonsín, que, para fazer média com os generais e o imperialismo, procura colocar num mesmo plano aqueles que combateram decididamente o regime militar com os torturadores e assassinos forjados pela ditadura dos generais.



EDITORIAL

Viva os comícios

Mal começou a campanha de massas de Tancredo Neves e até mesmo na oposição já se levantam vozes dando por encerrada a tarefa. Quando apenas três comícios foram realizados, sem mobilizar ainda os grandes centros políticos, ouve-se a esfarrapada alegação de que "para evitar incidentes com as bandeiras vermelhas" é melhor parar com esta forma de luta.

Final o problema do Brasil está nestas faladas bandeiras? Ou no entreguismo, na corrupção e na prepotência do regime militar?

Os comícios constituem por acaso mera vaidade dos oposicionistas? Serão talvez apenas uma "concessão" do candidato das oposições ao povo? Ou tornaram-se uma necessidade concreta, instrumento indispensável para dar prosseguimento à batalha pela liberdade!

O que levou milhões de pessoas às ruas pelas Diretas-Já foi a busca de uma saída democrática para o impasse em que vive o país - entre um regime arbitrário, antipovo, e o anseio de liberdade dos brasileiros. E foi por entender que a candidatura única das oposições representa a continuidade deste processo que centenas de milhares já acorreram às manifestações de Goiânia, Belém e Manaus. O que está na ordem do dia, o que os trabalhadores e todas as pessoas progressistas do país almejam, é o fim da ditadura e a conquista de um governo de transição democrática.

O que está em curso é um combate acirrado para obrigar os generais a largar o monopólio do poder que mantêm a ferro e fogo por duas décadas no país. É ilusão achar que esta oligarquia sairá gratuitamente do Palácio do Planalto. O próprio Tancredo Neves, conhecido por sua formação conciliadora, reconheceu há tempos que a idéia de uma candidatura de consenso ficou velha, passou. Mais recentemente os discursos violentos dos ministros militares acentuaram o caráter de

confronto que assumiu a luta pela sucessão.

Não se pode portanto pensar em verdadeira transição democrática sem uma ampla e enérgica mobilização da opinião pública. É absolutamente falso pensar numa simples contagem aritmética dos votos no Colégio Eleitoral. Este foi o sonho dourado de Maluf e Figueiredo - e os sonhadores acabaram na rua da amargura.

Mais do que a simples vitória no Colégio, trata-se de criar condições mínimas para governar. E que ninguém se iluda, isto não mais é possível sem efetivo respaldo popular. É fundamental garantir a participação de todas as forças vivas da nação na jornada cívica para tirar o país da crise. Qualquer pretensão de resolver os problemas nas cúpulas está fadada ao fracasso. Figueiredo que o diga.

Se há governadores que ainda dão mostras de ranço reacionário e revelam incapacidade de acompanhar o avanço do processo político; se há quem se apavore com os arreganhos dos donos do poder, isto deve ser tratado abertamente entre os oposicionistas, buscando soluções mas sem quebrar a unidade e sem cercar a participação de ninguém. Sobretudo não se justifica alijar o povo da batalha sucessória sob pretextos atravessados, aproveitando a campanha anticomunista dos generais.

É inadmissível capitular diante das provocações e ameaças dos malufistas. Retirar o povo da luta sucessória é hoje um golpe fatal no próprio caráter democrático da candidatura oposicionista. Os fascistas jogam tudo para chegar a uma solução deste tipo. Sabem que sem o povo, mesmo perdendo no Colégio Eleitoral, terão condições de exigir um recuo após outro do novo governo, e preservar ao máximo suas posições.

Todo democrata conseqüente só pode repudiar qualquer obstáculo aos comícios. É hora de luta pela liberdade. É hora de povo na rua.

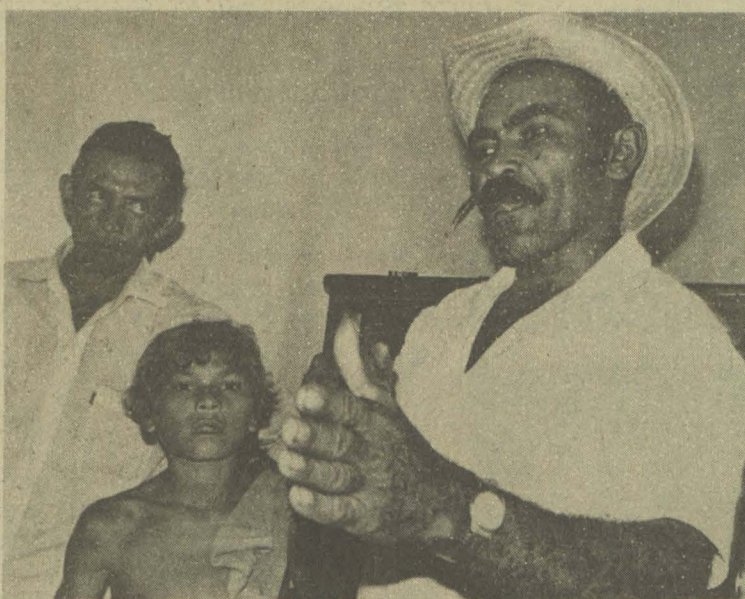


Foto Weber

Francisco Fabrício, do STR de Alagoinha, ameaçado de morte

Truculência dos usineiros não detém greve na Paraíba

Enfrentando ameaças e prisões, 120 mil cortadores de cana afirmam que só voltam ao trabalho quando suas reivindicações foram atendidas. Página 7

Qual a comissão de fábrica que ajuda de fato a causa operária?

Uma polêmica entre operários, mas onde os patrões também metem o bedelho. Leia na pág. 5

Terror ataca PC do B em Goiás

Na calada da noite, invadiram e saquearam a sede da Comissão pela Legalidade do PC do B. Pág. 3



El Salvador, conversações começam, guerra continua

Guerrilheiros salvadorense consideram um êxito a abertura de negociações com o governo; mas não pretendem abandonar os fuzis. Pág. 2

Governo quer a rendição da guerrilha em El Salvador

No dia 15 de outubro, quinto aniversário do golpe que derrubou o governo do general Carlos Humberto Romero em El Salvador - fato que serviu de estopim para a luta armada nesse país -, realizou-se em Las Palmas o encontro entre o presidente José Napoleón Duarte e altos dirigentes da FMLN e da FDR, representantes das forças guerrilheiras.

As conversações tiveram como resultado a formação de uma comissão paritária, integrada por quatro representantes do governo e quatro das forças patrióticas, para analisar as propostas apresentadas e encaminhá-las. Nova rodada de negociações será realizada em novembro.

Esse "diálogo" introduziu um fato novo no cenário político salvadorenho e no quadro geral de conflito em toda a América Central. Desde que surgiu, há três anos, a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional sempre foi



Líderes da guerrilha chegam a La Palma

considerada pelo regime antipopular pró-ianque como organização "criminosos e terrorista", à qual não se reconhece o status de força representativa. A intensificação da luta revolucionária, o crescente apoio das massas populares à FMLN, inclusive fora do país, indicaram ao regime títere e a Washington a impossibilidade de dobrar a luta do povo salvadorenho apenas com os esquadrões da morte do arqui-fascista D'Albuisson ou com as tropas adestradas pelo Pentágono.

Isto os obriga a manobrar e transferir o centro da luta para outro terreno — o das negociações. E impõe, ainda que contra sua vontade, que o regime "reconheça, de fato, a força de representação e beligerância da FMLN", como divulgou a rádio Venceremos, porta-voz oficial da guerrilha.

Várias forças políticas internacionais saudaram o encontro de 15 de outubro, como "o passo decisivo para a pacificação de El Salvador e de toda a América Central". É uma afirmação intempestiva, eivada de engodo e mistificação. As forças verdadeiramente antiimperialistas e o próprio povo de El Salvador têm aprendido do duro con-

fronto com os agressores externos e com as oligarquias reacionárias internas a necessidade de utilizar, na luta contra inimigos mil vezes mais poderosos, as mais variadas formas de luta — armadas e não armadas. E em cada batalha elevam a vigilância contra os planos lesa-pátria do imperialismo não nutrido nenhuma ilusão em suas manobras diabólicas.

As propostas levadas por Duarte visam fazer com que os guerrilheiros deponham as armas, desmobilizem seus 12 mil efetivos e abandonem as áreas por eles ocupadas, que já representam cerca de 1/3 do território do país. Desde o discurso pronunciado perante a Assembléia Geral da ONU, há duas semanas, Duarte exortou os guerrilheiros a "abandonarem sua atitude anti-histórica e a deporem armas". Por seu turno, Ronald Reagan elogiou a iniciativa de Duarte e aproveitou para fazer uma provocação contra o governo nicaraguense. Reagan afirmou que "se o governo sandinista fizesse a mesma oferta às forças de resistência (sic!) na Nicarágua, todos nós estaríamos muito mais perto de uma verdadeira paz na América Central". Enquanto isso, Kirkpatrick, uma das responsá-

veis pela elaboração da política centro-americana do governo Reagan, asseverou: "Negociações em El Salvador só se a guerrilha depuser as armas".

A intromissão ianque nos últimos acontecimentos em El Salvador ficou patente também com a viagem àquele país feita por George Shultz, secretário de Estado dos EUA. Shultz foi definir para seus fantoches do governo e do exército salvadorenho os pontos de vista norte-americanos acerca do "diálogo". Mas, que propõem, afinal, o imperialismo ianque e Duarte aos guerrilheiros, em troca da rendição?

Primeiro, "a anistia geral, imediata e irrestrita para todos os que participaram direta ou indiretamente de crimes (grifo nosso) ligados à violência política"; segundo, "a garantia de participação política dos anistiados através dos partidos que venham a constituir", sem dizer como se institucionalizaria a democracia no país. Seguem-se várias outras promessas vagas, como a "criação de programas especiais de reabilitação para os afetados moral, física e mentalmente pela guerra".

Nenhuma palavra sobre os problemas de fundo do país, sobre a terrível opressão social que pesa sobre o conjunto da população. Nenhuma garantia efetiva sobre a reconquista da liberdade política, nenhuma afirmação da soberania nacional em face do intervencionismo norte-americano. Nenhuma medida para conter a sanha dos esquadrões da morte.

Washington e Duarte preparam-se desenfreadamente para a continuação da guerra e para intensificar a escalada repressiva contra o povo. Na mesma semana em que se agita a bandeira da paz, anunciou-se que os EUA iniciaram um programa para duplicar a capacidade aérea das Forças Armadas Salvadorenhas e que aumentarão a ajuda militar a El Salvador para 129 milhões de dólares em 1985.

O povo salvadorenho empunhou armas, não por incitamento de grupos "criminosos" ou de forças externas, mas porque este se revelou como o único caminho capaz de assegurar a liberdade, a independência e o progresso social, cuja conquista depende, como passo inicial, da liquidação do regime antipopular e oligárquico e do domínio exercido pelo imperialismo ianque. Por isso, não se deixará embair pela demagogia pacifista nem capitulará. (José Reinaldo de Carvalho)

Foto: S. Xhiliari



Há 40 anos, existiam 668 operárias na Albânia. Hoje são quase 500 mil!

Leis que protegem o trabalhador albanês

Os trabalhadores albaneses — pouco mais de 1 milhão — estão distribuídos atualmente em mais de 3 mil profissões — em 1947 eram apenas 85 — e submetidos a uma das mais avançadas legislações do trabalho no mundo, o que é próprio de uma sociedade autenticamente socialista, em que o poder é exercido pela classe operária, aliada ao campesinato cooperativista.

Durante as três semanas que passei na Albânia, pude entender o que significa exatamente o fato de os trabalhadores estarem no poder. Uma das preocupações básicas da planificação econômica é justamente criar o número de empregos capaz de absorver os novos contingentes de mão-de-obra que formam ano a ano. Assim, ao final do atual quinquênio, em 1985, terão sido criados 210 mil novos empregos. Ademais, um operário só pode ser demitido, mesmo quando comete falta grave, quando a direção da empresa lhe conseguir um emprego em outro local. Quer dizer: os albaneses têm assegurado seu direito ao trabalho, como em nenhum outro país do mundo. Assim, o desemprego que, antes da libertação, assolava 59% dos trabalhadores, hoje não existe.

Os exemplos dessa avançada legislação, existente apenas sob o socialismo, são numerosos. O trabalhador tem de faltar seis meses consecutivos para ser demitido por ausência no trabalho. Não são admitidos nas empresas menores de 15 anos e os de idade entre 15 e 16 cumprem uma jornada diária de apenas seis horas, ganhando por oito. A jornada, aliás, é de oito horas (sete para o trabalho noturno), mas existem muitos casos em que ela é menor, como o dos mineiros, professores, trabalhadores em certas áreas da saúde pública, os que estão estudando etc.

Minha viagem à Albânia serviu para derrubar o mito de que, sob o socialismo, os trabalhadores são obrigados a um trabalho duro e rigoroso para cumprir as ambiciosas metas dos planos quinquenais. Acontece que os próprios trabalhadores participam da definição das metas do plano e, para tanto, levam em conta sua capacidade média de trabalho. No capitalismo é que os operários são sugados ao máximo para aumentar a taxa de lucro dos patrões. Visitei muitas fábricas e, enquanto conversava com inúmeros operários, as suas máquinas eram simplesmente desligadas. Numa seção da fábrica de fios de cobre em Skodra, no Norte do país, quando chegamos, vi uma operária sentada numa poltrona cortando as unhas. Enquanto ali estivemos a seção literalmente parou e as operárias ficaram assistindo a nossa conversa e, vez por outra, participando dela.

O ritmo de trabalho nas indústrias albanesas até parece frouxo em comparação à loucura que se vê nas fábricas capitalistas.

Iugoslávia condena mais kossovars

Os falsos socialistas iugoslavos continuam atacando o povo albanês de Kossova, que luta pelo direito de ser uma República na Federação do país — direito que lhe é garantido pela Constituição.

No início deste mês um tribunal titista condenou a penas entre um e 20 anos de prisão 14 pessoas, segundo divulgou a agência oficial "Tanjug". Segundo os governantes da Iugoslávia, o "crime" dessas pessoas foi fundar um "comitê de Kossova para a Proteção dos Albaneses". Os kossovars sofrem há vários anos a opressão nacional, e constantemente são alvos de provocação do governo iugoslavo, que já matou vários patriotas que lutam pela autodeterminação dessa região ao sul do país.

40 anos de revolução albanesa

LIBERTAÇÃO DA MULHER

Antes da libertação, as mulheres albanesas, 94% das quais eram analfabetas, usavam véus encobrindo o rosto e valiam provavelmente menos que um cavalo. No dia da libertação havia apenas sete mulheres com curso superior em toda a Albânia e apenas 668 trabalhando na produção. Não seria possível reconstruir o país e edificar o socialismo contando apenas com a metade masculina da população. A libertação da mulher era questão fundamental.

Hoje, a mulher albanesa representa 46% dos trabalhadores da cidade e do campo. As diferenças do nível profissional e intelectual entre mulheres e homens praticamente desapareceram na população com menos de 25 anos. As mulheres representam 47% dos alunos matriculados nas escolas de todos os níveis e 30% dos membros do Partido do Trabalho. Na Assembléia Popular, são 1/3 dos 250 deputados. O mesmo ocorre no Tribunal Supremo. Hoje a União de Mulheres da Albânia possui 600 mil filiadas.

A gravidez e a procriação deixaram de ser problema para as albanesas. Atualmente a licença de gravidez é de seis meses. As grávidas não podem trabalhar à noite e podem escolher um trabalho que julguem mais leve, sem qualquer diminuição no salário. As que estão amamentando crianças com menos de nove meses podem deixar o trabalho pelo tempo necessário de quatro em quatro horas. Também aqui não há qualquer alteração salarial. Isto sem falar que o parto é inteiramente gratuito e a abundância de creches espalhadas pelo país ajuda a mãe a criar seu filho sem deixar de trabalhar ou estudar.

Ser mãe, aliás, deixou de ser um fardo e passou a ser uma honra. Tanto que a trabalhadora que tenha dado à luz ou criado seis ou mais filhos até os oito anos de idade, pode ser aposentada cinco anos antes do limite legal.

O período de férias dos trabalhadores albaneses varia de 12 a 36 dias úteis por ano, dependendo do tipo de profissão. Trabalhadores de mais de 70 profissões difíceis — como os mineiros do subsolo, por exemplo — têm período mais longo. Mesmo com 12 dias úteis os operários albaneses levam vantagem sobre os brasileiros na questão de férias. Os brasileiros, dos 30 dias de férias, habitualmente vendem dez e ocupam os outros fazendo um bico qualquer para suplementar a renda. Isto sem falar no fato de que o trabalhador albanês, ao contrário do brasileiro, não tem preocupações com violência, dinheiro, saúde e educação dos filhos, com o emprego, prestação da casa etc. (Luiz Manfredini)

Thatcher prega pena de morte para irlandeses

A ação do IRA contra os representantes do imperialismo britânico reunidos em Brighton, no último dia 12, serviu para que a reação inglesa desencadeasse uma odiosa campanha antiirlandesa. Um deputado do Partido Conservador, de Margaret Thatcher, anunciou a reapresentação de seu projeto de lei que institui a pena de morte contra os patriotas da Irlanda. As 15 mil mortes de irlandeses durante os 15 anos de ocupação militar britânica no país são convenientemente "esquecidas" no projeto do deputado conservador Peter Bruinvels. Ele prevê a pena de morte contra "atos de terrorismo", que é como o imperialismo britânico denomina a luta do povo irlandês pela autodeterminação e reunificação do país.

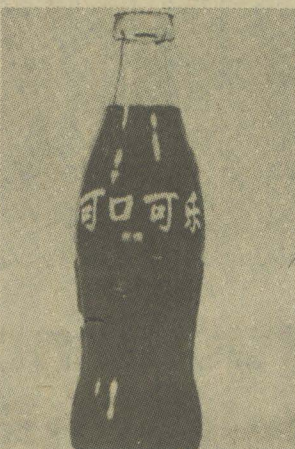
Aprendizes do capitalismo na China

"Temos muito que aprender com o capitalismo". Esta foi a confissão feita pelo Diário do Povo, o jornal do Partido "Comunista" da China, no último dia 15. O país de Mao Tsétung e Deng Xiaoping está à cata de investimentos estrangeiros para desenvolver sua economia nos moldes capitalistas, visando tornar-se uma superpotência imperialista.

Em 1949 houve uma revolução antiimperialista na China. Nessa época, 80% do capital no país eram estrangeiros, e foram nacionalizados. Mas os capitalistas de origem chinesa, donos dos restantes 20% do capital do país, tiveram seus privilégios garantidos. "As medidas tomadas nessa revolução visam, não a abolição, mas sim a proteção da propriedade privada", escreve à época Mao Tsetung. De fato, a propriedade privada — inclusive sobre as indústrias — nunca chegou a ser extirpada na China maoísta. Os proprietários de empresas estatizadas foram "indenizados" pelo governo, que ainda os colocou na direção das próprias empresas e os chamou para participar do governo!

RETORNO DO IMPERIALISMO
Mao ainda liderava o governo quando este país resolveu atrair de volta para suas fronteiras o capital estrangeiro.

O plano dos dirigentes de Pequim é transformar a China numa superpotência imperialista. Mas, para isso, eles precisam desenvolver mais a indústria local, produzir mais riquezas para poder exportar seus capitais e explorar outros povos. O caminho que escolheram foi reforçar o capitalismo interno, garantir os lucros dos exploradores nacionais, e atrair o capital imperialista para setores da economia em que os chineses ainda carecem de tecnologia avançada e experiência administrativa. Daí o Diário do Povo, na



Com Coca-Cola e leis do mercado, Xiaoping quer o capitalismo na China

edição de 15 de outubro, frisar que "os países devem aprender uns com os outros", salientando que é necessário assimilar "os elementos úteis" do capitalismo.

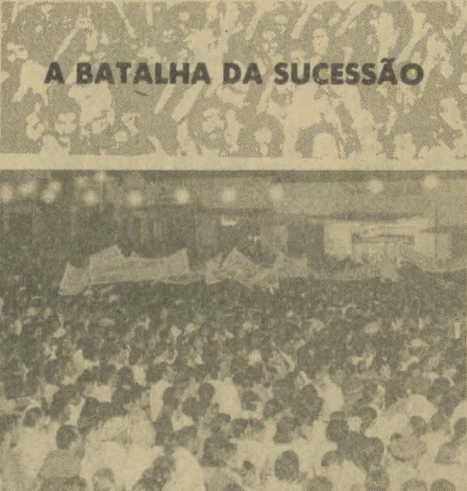
A nível interno, como afirmou o primeiro-ministro Zhao Ziyang no Congresso Popular em maio, o plano é ampliar o "sistema de responsabilidade" nas empresas (aumentando os prêmios por produtividade e as diferenças salariais entre os operários), e estimular ainda mais "as empresas privadas". Além disso, disse que "devemos incentivar a concorrência e impedir o monopólio" (referia-se não aos monopólios capitalistas, mas à administração centralizada da economia pelo Estado operário, para se construir o socialismo). Aplicando essa política, o governo anunciou no início do mês a redução, de 120 para 60, dos produtos industrializados, e de 29 para 10, dos produtos do campo submetidos ao planejamento central.

Deng Xiaoping e o presidente Li Xiannian garantiram ao chanceler alemão Helmut Kohl, no último dia 9, que a China continuará com "as portas abertas para o mundo exterior", isto é, para os investimentos das multinacionais. Kohl foi à China contratar a produção do Sedan

pela Volks em Shangai, que desde 1983 já explora os operários locais para produzir o carro "Santana". Atualmente na China atuam inúmeras empresas estrangeiras. Desde o grupo francês modista Pierre Cardin, até os magnatas alemães do carvão, passando por exploradores de petróleo japoneses, americanos e ingleses, e pela Coca-Cola...

POVO EXPLORADO

O povo chinês usufrui os "benefícios" da escravidão assalariada: os salários na China são 1/5 da média salarial dos operários de Hong Kong (território chinês sob domínio britânico); já se fala que o número de desempregados ultrapassa os 30 milhões nas cidades, além dos 100 milhões de camponeses sem trabalho; a criminalidade aumentou cinco vezes nos últimos 30 anos — entre agosto de 83 e agosto deste ano, mais de 10 mil chineses foram fuzilados como "criminosos". Outro subproduto do capitalismo, as empregadas domésticas, também vem crescendo. Só em Pequim existem mais de 30 mil domésticas, mais da metade mulheres vindas do campo buscar emprego na cidade. O proletariado chinês sofre na carne os desmandos dos "aprendizes do capitalismo" agarrados ao poder em seu país. (Carlos Pompe)



10 mil vão às ruas em Crateus apoiar candidato da oposição

Seguindo a maratona democrática dos grandes comícios pró-Tancredo, no final da semana passada em Crateus (CE) 10 mil pessoas foram às ruas manifestar seu apoio à candidatura única das oposições. Foi a maior concentração pública da história da cidade. Do ato, entre outras personalidades, participou o governador do Ceará, Gonzaga Mota, que definiu Tancredo Neves como o político mais capacitado para, neste momento, unir o povo brasileiro contra a pretensão continuísta do regime. O comício durou 2 horas; teve 14 oradores. Todos concentraram fogo contra o regime. A lamentar, contudo, foi o fato de que, apesar do comparecimento massivo, os representantes populares, bem como os partidos constrangidos à ilegalidade, não tiveram direito à palavra, devido às pressões feitas por integrantes da Frente Liberal. Antes e durante a manifestação, contudo, houve a distribuição do texto "Porque os Comunistas Apóiam Tancredo", do PC do Brasil, que teve uma receptividade muito grande, mostrando que o povo não compartilha com as discriminações impostas por políticos da burguesia.

Deputado petista ameaçado de expulsão por apoiar Tancredo

No Acre, um dos quatro solitários Estados onde o PT tem representação na Assembleia Legislativa, o deputado estadual petista Ivan Melo chegou à conclusão de que será errado o partido levar até as últimas consequências sua política de boicote à candidatura Tancredo. Foi o quanto bastou para um encontro estadual do PT acreano, no fim de semana passado, ameaçá-lo com expulsão sumária do partido caso não volte atrás em sua posição. O ultimato foi aprovado por 23 votos, entre apenas 30 pessoas presentes ao encontro. Porém o deputado Ivan Melo, pequeno comerciante, com bases no Vale do Juruá, considera que é a sua posição que está em sintonia com a dos trabalhadores acreanos. (da sucursal)

Boicote ao Colégio Eleitoral pode trazer bons dividendos

E por falar em PT, o artifício de não comparecer (boicotar) ao Colégio Eleitoral promete ser uma inatividade bastante lucrativa. É o que ficou claro na proposta feita recentemente pelos malufistas ao deputado Denizar Arneiro (PMDB-RJ). Em troca de sua ausência no Colégio, ele poderia indicar um diretor para a Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda. Foi o próprio parlamentar fluminense quem revelou o fato à imprensa, quarta-feira. Denizar Arneiro não aceitou a proposta, mas deixou escapar a dica. Com a palavra, os deputados petistas. Quem imaginou que a tática do boicote ao Colégio só acarretaria prejuízos, andou se iludindo, como ficou evidente; ao contrário, pode render bons dividendos.

Maluf quis usar seus capangas para jogar ovos em Tancredo

Inconformado com as vaías que o povo espontaneamente lhe dedica sempre que aparece uma oportunidade, o candidato do regime militar, Paulo Maluf, quis revistar. A seu modo, ou seja, com os métodos próprios do gângster que ele é. Assim, conforme revelou inocentemente o malufista Reynaldo de Barros (o mesmo que, candidato a governador de São Paulo pelo PDS em 82, chamou Montoro de governador em debate pela TV durante a campanha), Maluf pensou em contratar um bando de 30 ou 40 mercenários "para receber Tancredo com ovos e vaías nos aeroportos". Reynaldo de Barros confessou também que a idéia, debatida pelos organizadores da campanha de Maluf, "foi deixada de lado" - provavelmente porque não encontraram criminosos com coragem para o ingrato trabalho.

Debate mostra contradições, no seio das classes dominantes

Um debate realizado no dia 15 de outubro no programa Jogo de Cartas da TV Record de São Paulo entre grandes empresários nacionais, serviu para ilustrar bem a quantas andam as contradições no seio das classes dominantes. De um lado, estavam Antônio Ermírio de Moraes (do grupo Votorantim) e Abílio Diniz (do Pão de Açúcar), que apóiam Tancredo; do outro os malufistas Miguel Colassuono (da Embratur) e Fernando Carvalho, (empresário e deputado federal do PTB-RJ). Colassuono, bem no estilo Maluf, fez a defesa e a apologia do regime e do seu candidato. Ermírio de Moraes e Abílio Diniz, por outro lado, deixaram claro que uma parcela ponderável do empresariado nacional sente-se prejudicada pelo modelo econômico vigente e não concorda, em participar, com os privilégios em demasia para as multinacionais. E também não se dispõe a continuar apoiando a corrupção e um regime em frangalhos. Por isso apóia Tancredo Neves e quer mudanças. Falando sobre as propostas de Maluf, Abílio Diniz disse que o candidato do PDS não tem propriamente um programa "mas sim um monte de livrinhos que falam de tudo e nada dizem".

ERRATA

Na última edição da Tribuna Operária, uma foto sobre os mutilados do sisal na Bahia, publicada na primeira página, por um erro técnico foi indevidamente creditada ao arquivo da Tribuna. Na verdade, a foto pertence ao Jornal da Bahia, a quem devemos e pedimos desculpas.

50 mil no comício do Amazonas

Cerca de 50 mil pessoas - número superior de participantes ao do comício das Diretas Já - compareceram no último dia 13 a manifestação de apoio ao candidato Tancredo Neves. Em menos de uma semana a comissão organizadora do evento, composta por representantes de todas as forças oposicionistas do Estado, conseguiu mobilizar o povo amazonense.

Durante todo o comício os populares entoaram o refrão "1, 2, 3, Maluf no Xadrez", o que patenteia o repúdio dos amazonenses ao candidato do regime militar. E com grande entusiasmo aplaudiram o candidato oposicionista Tancredo Neves, que em seu discurso reafirmou o compromisso de fazer um governo de transição democrática e convocar imediatamente a Assembleia Nacional Constituinte Livre e Soberana.

O coordenador da Intersindical do Amazonas, Francisco Braga de Souza, entregou ao candidato da Aliança Democrática um documento expondo as principais reivindicações dos setores populares e sindicais. Nele os trabalhadores exigem participação na elaboração da política para a Amazônia, ampliação do Distrito Industrial de Manaus, liberdade de organização partidária, autonomia dos Sindicatos, direito de greve etc.

AÇÃO DE SABOTAGEM

O comício do Amazonas representou um grande reforço à campanha de Tancredo Neves. Os setores populares, com suas associações de moradores, Sindicatos e outras entidades democráticas, tiveram participação destacada na organização da manifestação. E o povo deixou claro sua disposição de lutar pelo fim do regime militar: mesmo a chuva não o tirou da praça.

Durante o ato ocorreram alguns incidentes, como a prisão de popular que empunhava uma bandeira do PC do Brasil e a sabotagem do fornecimento de energia elétrica na praça. De acordo com o presidente do PMDB do Amazonas, deputado Carlos Alberto De Carli, o governador Gilberto Mestrinho não instruiu a polícia para apreender bandeiras dos partidos clandestinos. "Mas há vestígios da política arbitrária pedessista na polícia que o governador ainda não conseguiu expurgar", queixou-se De Carli.

A tentativa de sabotagem ao comício prejudicou o pronunciamento do deputado Ulisses Guimarães por duas vezes. Tancredo Neves atribuiu os incidentes às forças direitistas que querem impedir a vitória da oposição. E o governador Mestrinho foi duro na crítica aos sabotadores. No final do comício o secretário da Comissão Social informou que havia sido detido um homem visivelmente embriagado que confessara ter recebido Cr\$ 100 mil para executar a sabotagem na energia elétrica. (da sucursal)

Atentado anticomunista em Goiás

Na madrugada de quinta-feira, 18, foi invadida em Goiânia, Goiás, a sede da Comissão pela Legalidade do Partido Comunista do Brasil. A sede foi vasculhada por indivíduos que aparentemente entraram pelo vitrô da sala, localizada no primeiro andar do prédio. Os arquivos foram remexidos. Um armário foi atrombado e diversos materiais foram roubados, entre os quais documentos e dois telefones. A gaveta de uma escrivaninha foi forçada, mas os invasores não conseguiram arrombá-la. Na parede ficou uma inscrição: "Nós sabemos tudo" - assinado PDS. Ao fecharmos esta edição, recebemos a notícia de que o deputado Ronaldo Jayme, do PMDB, apresentaria um requerimento na Assembleia Legislativa goiana, repudiando o atentado e exigindo providências para apuração dos fatos e dos autores.

O incidente em Goiás se insere numa campanha de cunho anticomunista que visa conturbar o quadro político e tem como alvo principal a candidatura Tancredo Neves. O regime militar e seus sequazes vêm agitando o fantasma do comunismo na tentativa de criar um clima de confusão e instabilidade, que pode abrir espaço para uma onda de represões visando tumultuar o processo sucessório. Os atentados, declarações de militares e personalidades malufistas visam intimidar os setores mais vacilantes da oposição e forçar um recuo na campanha democrática em torno da candidatura de Tancredo Neves.

INVASÃO NA VOZ

Nesta mesma manobra reacionária, foi invadida na última segunda-feira, dia 15, a sede do jornal "Voz da Unidade", em São Paulo, onde foram apreendidos diversos materiais do PCB. No mesmo dia foram invadidas residências de integrantes desta organização, como Giocundo Dias, Hércules Correia, Ivan Pinheiro, Sérgio Moraes e Givaldo Siqueira.

Governadores nordestinos declaram apoio a Tancredo



Maluf visitou Hugo Napoleão, mas não conseguiu apoio do governador do Piauí.

O Nordeste não malufou

A demagogia barata de Paulo Maluf com o Nordeste não deu certo. Maluf já prometeu mundos e fundos para o sofrido povo nordestino e para as classes dominantes locais. Mas não conseguiu arrebatar os votos com suas ofertas. Dos governadores nordestinos, apenas o da Paraíba, Wilson Braga, malufou.

O de Sergipe, João Alves, continua reticente em apoiar o candidato-trombadinha. O de Alagoas, Divaldo Suruagy, foi taxativo na semana passada: "Não apoiarei Maluf".

Os governadores do Maranhão, Luiz Rocha; Piauí, Hugo Napoleão;

Ceará, Gonzaga Mota; Rio Grande do Norte, Agripino Maia; Pernambuco, Roberto Magalhães; e da Bahia, João Durval, apóiam abertamente Tancredo.

Antes da Convenção do PDS, Maluf já alardeava que seu "maior, mais sério, mais imperativo compromisso com a nação será redimir a terra nordestina, e incorporar plenamente seu povo ao progresso que todos pretendemos para o Brasil". Mas o que pretendia mesmo era comprar votos: "Vou dar seis Ministérios ao Nordeste e inúmeros outros cargos importantes para esta região", prometeu no Ceará, co-

mo pagamento para os convencionais que malufassem.

Se a falta de apoio dos políticos pode ser avaliada pela quase totalidade dos governadores nordestinos — todos do PDS — que não malufaram, mais evidente ainda é a ojeriza que a simples menção do nome Maluf causa ao povo daquela região — como aliás em todas as regiões do país.

Uma manifestação organizada pelas mulheres repudiou a visita de Maluf a Alagoas, dia 1º de outubro. No dia seguinte o candidato ficou praticamente sitiado na Assembleia Legislativa do Sergipe, onde foi "ovacionado". No Ceará, dia 5, vaías e refrões pedindo sua prisão receberam Maluf no aeroporto. Dia 6, no Rio Grande do Norte, também ocorreram manifestações antimalufistas durante a estadia do candidato do regime. Dia 10, no Maranhão, até a Força Aérea foi acionada para impedir que o povo mostrasse seu ódio contra o candidato do Planalto. E na Bahia, o "eleito" do PDS só conseguiu chegar até o aeroporto de Salvador graças a guardas-costas como o presidente Figueiredo e o ministro da Aeronáutica, Jardim de Matos, dia 4 de setembro. Mesmo assim, não teve como impedir as justas manifestações dos baianos contra o malufismo.

No Sergipe, Bahia e Ceará as manifestações de protesto acompanham as viagens do candidato dos militares, Maluf



Foto: Jorge Araujo

Na semana passada, os governadores do PDS da Bahia, do Rio Grande do Norte e do Piauí anunciaram seu apoio ao candidato das oposições, Tancredo Neves. Maluf ainda arriscou visitar o Piauí, para ver se negociava alguns votos. Mas não teve êxito. Foi vaiado e quase teve que sair pelas portas do fundo do Palácio do Governo.

"Deputado, se o senhor quiser pode sair por outro portão, nos fundos", sugeriu o governador Hugo Napoleão ao candidato do regime militar, Paulo Maluf, no dia 17. Maluf, já ao entrar no Palácio do Governo, foi vaiado por populares que manifestavam seu repúdio ao representante do continuísmo. O ex-governador trombadinha conversou "por quase duas horas com o chefe do governo piauiense, tentando demovê-lo de sua decisão em apoiar Tancredo Neves. Fracassou.

Maluf não conta com apoio do povo, como vem sendo avassaladoramente demonstrado pelas manifestações de repúdio que recebe por onde passa. Mas usa a máquina do governo Figueiredo para pressionar os políticos que não rezam pela sua cartilha. Assim, o governo do Piauí não recebe verbas federais desde o início de agosto porque o PDS local dava mostras de que apoiaria a Aliança Liberal, como de fato acabou acontecendo. Delfim Netto, para ajudar Paulo Maluf, vetou a liberação de cerca de Cr\$ 14 bilhões para esse Estado, que é um dos mais pobres do país. Também o Banco Central, o Banco do Brasil e o BNH suspenderam verbas e investimentos no Piauí, porque seu governo não malufou. Mas isso acabou aumentando ainda mais a ira popular contra o candidato dos militares, como se viu nas manifestações de repúdio à sua presença em Teresina.

NATAL PRESENTE

Enquanto isso no Rio Grande do Norte mais de 8 mil pessoas compareceram dia 15 ao Palácio dos Esportes de Natal, quando o governador José Agripino Maia anunciou seu apoio a Tancredo "para ficar ao lado da vontade popular, de liberdade e progresso".

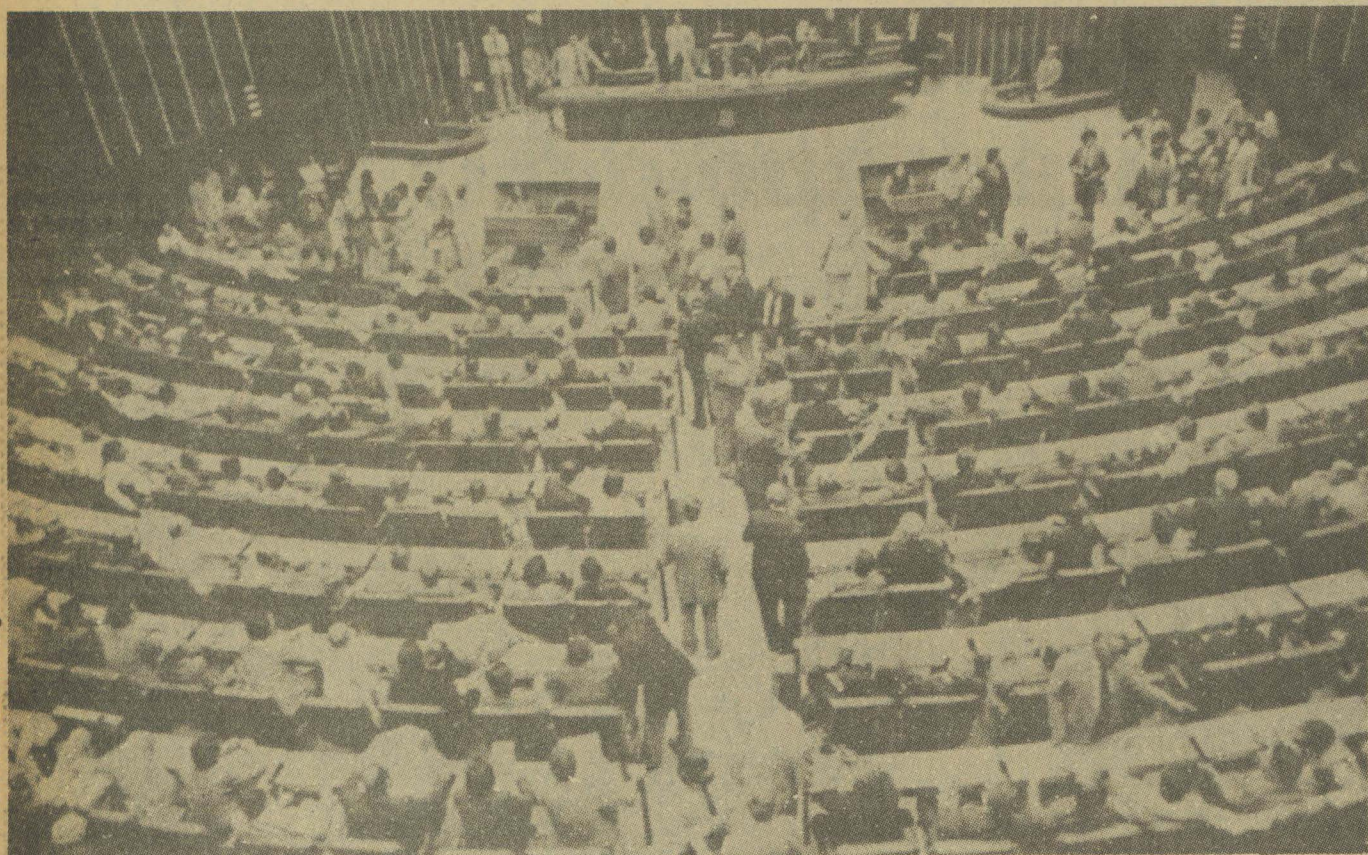
O gesto do governador do PDS teve apoio maciço da bancada estadual do seu partido na Assembleia Legislativa. Presente em Natal, Tancredo afirmou estar "em contato com o povo, buscando aquele apoio popular e aquela legitimidade que o Colégio Eleitoral não nos vai dar, porque no Colégio Eleitoral o povo está ausente". O candidato dos democratas ainda destacou que "não podemos continuar permitindo que vigore nesta pátria essa economia implacável que aí está, que levou a nação à recessão, que fecha as atividades geradoras de riquezas, que gerou o desemprego, que mergulhou a nação na miséria. E para que isto aconteça é necessário um governo respaldado pelo povo".

BAHIA TANCREDA

Outro governador do PDS nordestino a expressar seu apoio a Tancredo Neves na semana que passou foi João Durval, da Bahia. "Tancredo reúne muito melhores condições de fazer um grande governo", afirmou.

Durval enviou uma carta ao general Figueiredo comunicando seu apoio ao candidato das oposições. Levou em conta a experiência do governador Agripino Maia, que teve sua candidatura cancelada no Palácio do Planalto pelo general-presidente revanchista.





Os parlamentares do PMDB compareceram em massa à sessão... e Maluf foi derrotado, apesar da aliança com PT.

Aliança Maluf-PT fracassa e Colégio é regulamentado

Apesar da tentativa frustrada do PT e dos malufistas de obstrução, evidenciando uma aliança que se torna a cada dia mais descarada, a Câmara dos Deputados aprovou, na terça-feira passada, o projeto de lei complementar que regulamenta o Colégio Eleitoral e define os critérios para a escolha dos delegados estaduais.

A regulamentação do Colégio tornou-se uma questão de fundamental importância na medida em que define critérios claros e precisos para a escolha dos delegados estaduais e a própria reunião do Colégio Eleitoral em 15 de janeiro.

MALUFISTAS CONTRA

Os malufistas não queriam que a regulamentação fosse aprovada para ganhar tempo e forçar que a mesa do Senado, controlada pelos adeptos da candidatura de Paulo Maluf, fizesse essa regulamentação, utilizando critérios que beneficiassem a prática corrupta de aliciamento, característica do deputado paulista.

A aprovação da regulamentação só foi possível graças a um eficiente trabalho de mobilização da bancada do PMDB, depois do insucesso obtido na votação da semana anterior, quando o PT e os malufistas conseguiram obstruí-la. Esse episódio deixou clara a necessidade de o PMDB assumir uma defesa política da regulamentação e de fazer um esforço concentrado na mobilização de seus deputados.

Assim, na semana passada, o boletim da liderança do partido acentuou a necessidade e importância da aprovação desse projeto, mostrando que a vitória de Tancredo Neves

e o fim do regime autoritário passam necessariamente por essa aprovação. Além disso, todos os deputados peemedebistas receberam telegramas de convocação assinados pelo líder da bancada, Freitas Nobre, pelo presidente do partido, Ulysses Guimarães, e pelo candidato Tancredo Neves. O resultado foi um plenário lotado, com 294 deputados, número suficiente para aprovar o projeto.

Objetivamente apoiando as intenções do candidato do regime, Paulo Maluf, e dando mais uma demonstração de sua estreiteza política, o PT novamente se colocou contra a aprovação do projeto, desta vez fazendo um desavergonhado e direto acordo com os malufistas na tentativa frustrada de obstruir a votação.

Como só tem oito deputados, número insuficiente para se requerer a verificação de quórum, o partido negociou com diversos deputados malufistas, conseguindo, assim, que esses parlamentares apoiassem o pedido. A aliança foi admitida publicamente pelo deputado pedesista de extrema-direita, o malufista Amaral Netto, que, ao anunciar, eufórico, o acordo feito com os petistas, quase que provocou um incidente em plenário.

O deputado Haroldo Lima (PMDB-BA) registrou a aliança entre o PT e os partidários de Maluf e por pouco não foi covardemente agredido pelo petista Djalma Bom. Diante dos argumentos irrefutáveis apresentados pelo Deputado baiano, Djalma, sem argumentos para contraditar, preferiu partir para a tentativa de agressão, também frustrada.

PT COM MALUF

Votaram junto com o PT os malufistas Amaral Netto, Nilson Gibson, Adail Vitorazzo, João Carlos de Carli, Darcílio Aires, Oscar Alves, Adroaldo Campos e José Fernandes. O líder do PT, Airton Soares, alertou os vice-líderes Djalma Bom e José Genoíno para o risco político do acordo com os malufistas, mas não foi ouvido e preferiu se omitir deixando que eles pagassem o preço da espúria aliança, que lhes valeu a pecha de malufista.

Na opinião do deputado Haroldo Lima, vice-líder do PMDB, o partido não poderia se omitir dessa batalha política. “Parecia que estávamos com vergonha de regulamentar o Colégio. Todos nós somos contra ele, mas sabemos que foi a única alternativa que nos restou para derrotar o regime e seu candidato. Então, era de fundamental importância essa regulamentação, para impedir que os malufistas a fizessem sozinhos. Tentar obstruir a votação, como fez o PT, no mínimo revela uma falta de visão política e, como ficou claro, serve a Maluf e ao regime”. (da sucursal).

Operários da Volks desmentem o PT

A posição do PT, de não participar do Colégio Eleitoral e considerar indiferente a eleição de Tancredo Neves ou Paulo Maluf para a Presidência, não possui respaldo mesmo entre os trabalhadores de regiões e empresas onde esse partido tem suas principais bases.

Os operários, mesmo partidários do PT, não só apóiam o candidato único das oposições, como acham que é preciso participar do Colégio Eleitoral para derrotar Maluf. É o que mostra uma pequena pesquisa realizada pela **Tribuna Operária** com metalúrgicos da Volkswagen de São Bernardo. A exceção ficou por conta de dois petistas mais extremados.

“Se eu fosse votar, votaria no

Tancredo. Maluf fez um mau governo em São Paulo e é ligado ao Figueiredo. Se for preciso, acho que se deve ir ao Colégio para derrotar o Maluf” — Izidoro da Silva Ferreira, 25 anos, operador.

“Tem que ser o Tancredo, é a única solução, ainda que seja no Colégio. Maluf seria a corrupção e o continuísmo” — José Mendes, 31 anos, operador.

“No Maluf eu não votaria de maneira nenhuma. É preciso dar vitória ao Tancredo” — Joaquim de Almeida, 47 anos, inspetor, membro do PT.

“Se houvesse eleições diretas, nenhum dos dois seria o meu candidato, eu votaria no Lula. Mas, a permanecer sem as diretas, eu prefiro o

Tancredo. O Maluf seria a mesma coisa que está aí hoje, talvez até pior” — Carlos Roberto, 28 anos, funileiro.

“Tancredo é melhor. O Maluf vai roubar na cara de todo mundo, como tem feito até agora. Ele já é conhecido e não serve” — um operador, 41 anos, ligado ao PT.

“Eu acho que o melhor é o Tancredo. O Maluf não dá, a oposição tem que participar no Colégio para derrubá-lo” — um operador, 39 anos.

“Nós não podemos é deixar como está e nem apoiar o Maluf. O Tancredo vai mudar isso” — um funileiro, 32 anos.

PETISMO E CONFUSÃO

Destoaram dois militantes petistas. Um deles, um inspetor, de 28 anos, limitou-se a dizer: “Na minha opinião, nenhum dos dois presta”.

O outro, Adilson, 23 anos, ferramenteiro, demonstrou enorme confusão, ligando de forma mecânica a sucessão presidencial no Brasil às eleições nos EUA: “Considero que não vai ocorrer nada se for eleito um ou outro. Essa sucessão no Brasil está ligada às eleições nos Estados Unidos. O Maluf é apoiado pelo Reagan e o Tancredo pelo Mondale. Por isso, vai depender das eleições lá.

(Umberto Martins)



A pregação míope das lideranças petistas não tem respaldo entre os operários em S. Bernardo

Assembléia Popular e Democrática ganha impulso em Brasília

Ganha mais impulso, em Brasília, a idéia da realização de uma assembléia das lideranças populares e personalidades democráticas, já marcada para o dia 11 de novembro. Dirigentes das mais importantes entidades sindicais locais estão engajados na convocação, que também conta com o apoio oficial do PMDB.

Duas entidades, desde o primeiro instante, anunciaram que participarão oficialmente do encontro, devidamente autorizadas por suas diretorias: a Associação Brasileira dos Médicos Residentes e a Associação dos Nutricionistas do Distrito Federal.

PARTICIPAÇÃO POPULAR

Os nutricionistas decidiram participar da campanha de Tancredo Neves e, em particular, da Assembléia Popular e Democrática durante uma expressiva reunião da categoria, realizada na semana passada. Os médicos residentes, por seu turno, trazem ainda junto o apoio da própria associação nacional da categoria.

O presidente da Abramer (Associação Brasileira dos Medicos Residentes), e também vice-presidente regional da Associação Nacional, Agnelo Queirós Filho, explicou que no Congresso Nacional da categoria, realizado em Belo Horizonte, ficou definido o apoio ao candidato único das oposições, bem como o engajamento na campanha de Tancredo Neves, “por entender que essa é a forma da entidade voltar-se para os interesses

populares e contribuir para o fim do regime militar”, disse.

Ressalta-se, no processo de convocação do ato, a participação do PMDB que também, desde o primeiro momento, colocou-se à disposição dos organizadores e engajou-se decididamente na preparação da assembléia, inclusive cedendo sua sede para as reuniões das lideranças empenhadas no encontro (a sede do PMDB, hoje, centraliza as informações sobre as atividades preparatórias).

Desde as primeiras reuniões preparatórias, várias são as entidades representativas de moradores das cidades satélites que se integraram na organização da assembléia. Destaca-se, entre elas, a participação da Associação dos Moradores da Vila Buriti, a do Gama Centro e a do setor da Ceilândia.

Expressivas entidades sindicais, como a dos comerciários e dos profissionais de enfermagem, estão participando através de seus principais líderes e se comprometem em atrair a mais importante intersindical de Brasília, a Coordenação Sindical Unitária Independente (Cosui), que, com um ano de existência, já conta com 23 sindicatos e uma federação.

No meio estudantil, é intensa a participação dos 5 Centros Acadêmicos da Universidade de Brasília, de diretores do DA da Faculdade de Direito da CEUB e da União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Brasília. Entre os partidos políticos, é destacada a participação da Comissão pela Legalidade do Partido Comunista do Brasil (PC do B).

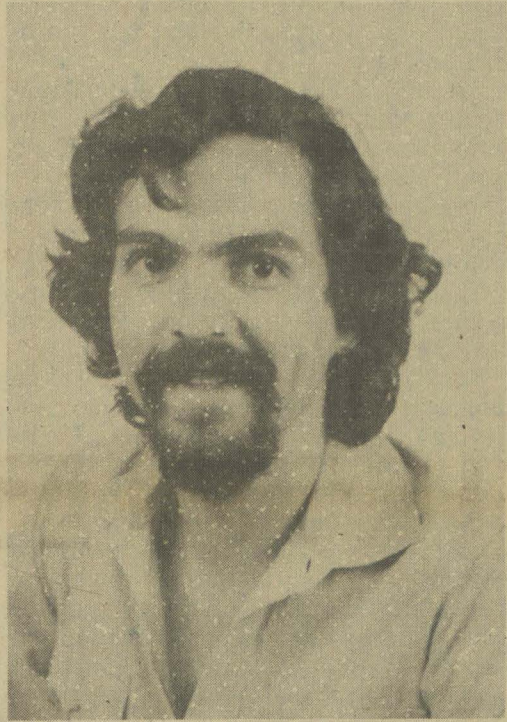
VISÃO ESTREITA

Apesar da grande representatividade que se antevê, algumas lideranças políticas, dominadas por visões estreitas sobre o significado da Assembléia, procuram minimizar sua importância e não se lançaram na convocação do povo.

Até hoje, o regime militar vem negando ao povo de Brasília o elemento direito ao voto para qualquer cargo eletivo, aterrorizado com a perspectiva de ser derrotado fragorosamente na própria sede do governo. Com isso, os brasilienses não têm senadores, deputados ou mesmo vereadores, sendo obrigados a suportar um insólito revezamento de coronéis à frente do governo do Distrito Federal, indicados unicamente pela capacidade de agradar o presidente da República.

O candidato das oposições, Tancredo Neves, impressionado com a situação esdrúxula da capital do país e com a grande mobilização em torno da tese da autonomia política, já se comprometeu a promover eleições em todos os níveis em Brasília, depois de eleito.

(Fernando Tolentino, de Brasília)



Agnelo Queirós Filho, Diretor da Abramer

Leia e estude o marxismo-leninismo

JOÃO AMAZONAS

Socialismo, ideal da classe operária, aspiração de todos os povos.....	Cr\$ 3.000,00
O trotsquismo, corrente política contra-revolucionária.....	Cr\$ 500,00
O revisionismo chinês de Mao Tsetung.....	Cr\$ 2.000,00
Pela liberdade, pela Democracia Popular.....	Cr\$ 2.000,00
ENVER HOXHA	
O eurocomunismo é anticomunismo.....	Cr\$ 4.000,00
Relatório ao 8.º Congresso do PTA.....	Cr\$ 2.000,00
Discurso aos eleitores.....	Cr\$ 1.500,00
El imperialismo y la revolución.....	Cr\$ 4.000,00
Les Titistes.....	Cr\$ 3.000,00
KARL MARX	
Miséria da Filosofia.....	Cr\$ 4.200,00
Salário, Preço e Lucro.....	Cr\$ 2.600,00
Trabalho Assalariado e Capital.....	Cr\$ 2.200,00
A Liberdade de Imprensa.....	Cr\$ 6.000,00
MARX E ENGELS	
Manifesto do Partido Comunista.....	Cr\$ 2.000,00
Sobre a Literatura e a Arte.....	Cr\$ 5.200,00
A Ideologia Alemã.....	Cr\$ 5.600,00
Obras escolhidas (3 volumes), cada volume.....	Cr\$ 15.000,00
FRIEDRICH ENGELS	
A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.....	Cr\$ 6.300,00
Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico.....	Cr\$ 4.300,00
O Anti-Dühring.....	Cr\$ 9.800,00
Dialética da Natureza.....	Cr\$ 9.500,00
V.I. LÊNIN	
Obras escolhidas (3 volumes), cada volume.....	Cr\$ 15.000,00
Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo.....	Cr\$ 6.900,00
Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo.....	Cr\$ 6.200,00
Como Iludir o Povo.....	Cr\$ 2.800,00
Sobre os Sindicatos.....	Cr\$ 4.000,00
O Trabalho do Partido entre as Massas.....	Cr\$ 4.000,00
Que fazer?.....	Cr\$ 6.800,00
O Estado e a Revolução.....	Cr\$ 6.900,00
Três Fontes e Três Partes Constitutivas do Marxismo.....	Cr\$ 3.900,00
J. V. STÁLIN	
Fundamentos do Leninismo.....	Cr\$ 6.100,00
Materialismo Dialético e Materialismo Histórico.....	Cr\$ 3.000,00
O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial.....	Cr\$ 4.000,00
Problemas Econômicos do Socialismo na URSS.....	(no prelo)
VÁRIOS AUTORES	
Em defesa dos direitos e da emancipação da mulher (L. Morais).....	Cr\$ 1.500,00
Marx, o Homem, o Pensador, o Revolucionário (vários).....	Cr\$ 7.100,00
Princípios Fundamentais do Marxismo (Plekhanov).....	Cr\$ 5.100,00
Perfiles de Albânia.....	Cr\$ 15.000,00
Socialismo na Albânia (J. Sautchuk).....	Cr\$ 8.800,00
História da Ação Popular (H. Lima/Alde Arantes).....	Cr\$ 9.000,00
História do PC (b) da URSS (1.º fascículo).....	Cr\$ 2.000,00
Greves Operárias na Bahia (Renildo Souza).....	Cr\$ 1.500,00

Pedidos para a Editora Anita Garibaldi, com o envio de cheque nominal ao valor da compra. Av. Hig. Ildefonso, 1.174 - Santa Cruz, 04533-000 - São Paulo, SP.

Fundação Maurício Grabois

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Organização superior

Com as alterações na situação política modificam-se as tarefas a serem realizadas pelo movimento operário e popular e, em consequência, as suas formas de organização. Até um certo tempo atrás, tratava-se de desmascarar o regime militar e resistir às suas ofensivas. Hoje a ditadura encontra-se em putrefação. O que se impõe é a organização das amplas massas e a mobilização de enérgicas ações populares para pôr fim a este sistema de governo e construir um novo regime de liberdade.

EXIGÊNCIA MAIOR

Até recentemente grupos de ativistas organizavam-se para fazer agitação das bandeiras democráticas. Durante a campanha eleitoral em 1982, iam às portas de fábricas, caminhavam pelos bairros com os chamados “arrastões”, fazendo propaganda dos candidatos populares. Já na luta pelas diretas a simples agitação não era mais suficiente. Os comitês unitários tratavam também de mobilizar os trabalhadores para as grandes mobilizações de massas. Cuidavam de incorporar parcelas mais ativas do povo nas tarefas políticas, unificavam a atividade de diversas entidades. E no geral, apesar de grande esforço, ficaram aquém das necessidades. Muitas vezes pouco avançaram em relação aos grupos de agitação.

Agora as exigências são maiores. Não basta convocar a população para as concentrações. Além da necessidade de manifestações mais decisivas, coloca-se como questão vital a participação direta do povo, não como massa dispersa, mas com destacamentos organizados, com autonomia política e com capacidade para interferir nos rumos da batalha. Isto só será alcançado com a efetiva organização do povo em cada local de trabalho e moradia, e com uma articulação eficaz das entidades de massas sindicais e populares. A situação exige que o movimento popular conquiste instrumentos unitários para fazer valer suas opiniões no processo político.

UNIDADE POPULAR

Na atual conjuntura muitas vezes somente a presença ativa do povo, com seus instrumentos próprios de atuação, é que força a própria realização de uma manifestação de massas, e garante seu caráter combativo.

Com a radicalização da luta sucessória, setores da oposição burguesa temem avançar na conquista das liberdades democráticas. Sua própria natureza de classe impede que adotem uma postura coerente. Diante da possibilidade concreta de pôr fim à tutela dos generais, vacilam e procuram, ainda hoje, uma solução conciliatória. A unidade do movimento popular é que pode quebrar esta indecisão.

Para organizar e colocar em ação milhões e milhões de trabalhadores, não bastam as organizações gerais. Em cada local o povo precisa discutir a situação e procurar as formas concretas de mobilizar o conjunto do bairro ou da empresa para intervir no cenário nacional. Trata-se de multiplicar a organização por todo lado.

PEÇA CHAVE

Em particular ao incorporar-se na campanha do candidato das oposições, o povo dará um novo colorido a esta batalha, participará na formulação do programa de Tancredo Neves, criará condições para intervir no governo de transição democrática a ser conquistado. Mais do que isto, a organização destas multidões que comparecem aos comícios será essencial para que os trabalhadores possam fazer pressão de baixo para cima, sobre o novo governo, para ampliar o espaço das reivindicações populares. A unidade e organização do povo tornaram-se hoje a peça indispensável para a marcha da liberdade em nosso país. (Rogério Lustosa)

DE OLHO NO LANCE

Boas intenções?

Lula concordou que as críticas do PT a Tancredo Neves são muito semelhantes às que são feitas por Paulo Maluf. Mas alegou que “os objetivos” do PT e os de Maluf são diferentes. A diferença é a intenção!

O dirigente petista aproveitou para criticar também Aírton Soares, líder de seu partido na Câmara Federal que, segundo ele, acreditava que Tancredo possa vir mais para a esquerda. Lula argumenta que o candidato das oposições “nunca se preocupou” em assumir compromissos com a esquerda. Não tem intenção, não é?

Será que as intenções têm tanta importância assim? Suponhamos que o PT **queira** servir aos trabalhadores com o seu combate às oposições. Mas na prática serve aos patrões, ao regime militar e a Maluf. É possível por outro lado que Tancredo **não queira** abrir espaço para o povo com a sua candidatura. Mas concretamente, ao se opor ao regime e levantar a bandeira da democracia, contribui para a luta dos trabalhadores.

Compreende-se que o Lula se perca neste emaranhado. Ele já declarou várias vezes sua ojeriza à teoria científica do marxismo-leninismo. Faz política com critérios idealistas. Pode-se até acreditar que tenha boas intenções. Porém na prática age como malufista. É pena, mas é verdade.

Papel da comissão de fábrica

Com o avanço do movimento operário e sindical brasileiro nos últimos anos, uma reivindicação passou a ser obrigatória para os sindicatos mais atuantes: o reconhecimento das Comissões de Fábrica. Agora, por exemplo, na campanha salarial levada por 19 entidades operárias de São Paulo, reunidas no Pacto de Unidade na Luta, esta exigência figura entre as seis principais da pauta de reivindicações encaminhada ao patronato.

A organização dos trabalhadores no seu local de trabalho sempre foi uma necessidade imperiosa desde o surgimento do capitalismo. É na fábrica que se dá de forma direta o choque entre o capital e o trabalho. Nela os operários passam a maior parte do seu tempo e na sua luta diária contra a exploração percebem que precisam se organizar e eliminar o espírito de competição e a dispersão impostos pelos patrões. Com este objetivo se utilizam de vários instrumentos: o mais importante é o sindicato, e um que tem se mostrado de grande valia é a comissão de fábrica.

Comissão facilita a ação sindical no interior da fábrica

Geralmente as comissões de fábrica são conquistadas nos momentos de avanço dos movimentos reivindicatórios, principalmente durante as greves, quando os trabalhadores têm maior força para impor aos patrões uma representação classista com alguns direitos, como a estabilidade no emprego e outras condições que facilitam a ação sindical.

Eleito democraticamente pelos operários da empresa, o grupo de trabalhadores que compõe este organismo tem a tarefa de encaminhar aos patrões as reivindica-

ções do coletivo da empresa. Não cabe a ele decidir pelos operários, mas representá-los junto à direção da firma, usando como forma de consulta democrática as assembléias e reuniões por setor.

A chave para o sucesso de qualquer comissão de fábrica reside no fato dela contar com amplo respaldo do conjunto de trabalhadores da empresa. Este apoio é fundamental para conquistar vitórias específicas e, inclusive, para defender a estabilidade de seus membros que está sempre ameaçada.

Ao contrário do que afirmam certos setores exclusivistas do sindicalismo brasileiro, a comissão de fábrica não é uma experiência nova, surgiu após a onda de greves no ABC paulista em 1978. Por exemplo: em 1946, durante um ascenso grevista no país, ocorreram 33 greves em São Paulo, das quais 15 foram dirigidas pelos comitês de fábrica.

Para conquistar o reconhecimento de suas comissões, os operários enfrentam violenta resistência do patronato. Este não tolera uma organização sindical no local onde se dá a extração da mais-valia; teme que este organismo sirva para unificar os operários da empresa e posteriormente toda classe; alguns empresários chegam a afirmar que tais comissões podem se tornar no futuro embriões do poder socialista!



Os metalúrgicos de São Paulo aprovaram em assembléia a luta pela comissão de fábrica

Os instrumentos para alcançar a comissão

Os trabalhadores e o movimento sindical se utilizam de diversos instrumentos para furar este bloqueio e conquistar a comissão de fábrica. A CIPA (Comissão Interna para Prevenção de Acidentes) é um dos recursos mais usados, pois concede aos cipeiros a estabilidade no emprego. Outro é a formação de grupos de operários que se reúnem nas sedes sindicais ou em outros locais distantes da vigilância dos patrões. Agindo inicialmente de forma não oficial, o grupo de fábrica é embrião das comissões reconhecidas.

O próprio diretor sindical

de base é um importante instrumento para aglutinar as lideranças da empresa; o delegado sindical, previsto em artigo da CLT, também contribui na organização interna. Outro recurso eficaz tem sido utilizado pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo: são as comissões de fiscalização dos acordos de compensação de hora. Após realizar assembléias no interior das firmas para discutir a compensação do trabalho, o Sindicato forma uma comissão, eleita pelos trabalhadores, que tem estabilidade de três anos.

Todas estas formas de organização são vistas como intermediárias, tendo como função primeira a conquista da legalização da comissão de fábrica. Em inúmeras indústrias, principalmente nas metalúrgicas de São Bernardo e São Paulo, as comissões reconhecidas têm possibilitado um enorme salto no nível de organização e luta dos operários. A comissão é peça indispensável para termos um sindicalismo mais avançado, democráti-

co, com raízes no local de trabalho.

É bastante ilustrativo o exemplo da comissão de fábrica da Ford do Ipiranga, na capital paulista, mesmo com as falhas de orientação que possui. Formada em 1981, ela conquistou uma série de melhorias para a atuação sindical. O refeitório interno é usado constantemente para a realização de assembléias; a comissão possui uma sala com telefone e em todos os banheiros e seções ela tem quadros de aviso; seus dez membros efetivos têm livre acesso a todos os setores da firma. No processo da sua consolidação, ela criou uma rede de apoiadores, eleitos em cada setor.

Com este poderoso instrumento os operários da Ford já realizaram várias greves; brecharam inúmeras tentativas de demissões. Graças à comissão a Ford é hoje uma das firmas mais mobilizadas da capital paulista e tem contribuído para o fortalecimento do Sindicato da categoria.

(Altamiro Borges)

Os truques do patrão

Nos últimos tempos alguns empresários, principalmente os representantes das multinacionais, com maior experiência na ação anti-social, têm mudado sua postura com relação às comissões de fábrica. Sentindo dificuldade em impedi-las, eles tentam impor aos operários uma comissão com outro conteúdo, de conciliação entre trabalhadores e patrões.

Um exemplo desta iniciativa foi dado pela Volkswagen, firma alemã com filial em São Bernardo, no final de 1980. Aproveitando que o Sindicato dos Metalúrgicos estava sob intervenção dos generais, a Volks criou um “Sistema de Representação dos Empregados”. Com inúmeras restrições e ameaças aos “que se aproveitarem da posição para fins diferentes do previsto”, este organismo visava iludir os operários como uma falsa comissão da fábrica, fragmentar e esvaziar o Sindicato. Esta comissão patronal foi desmascarada quando, a mando dos patrões, defendeu a redução dos salários — proposta derrotada com o não dado nas urnas em abril de 1981.

Esta iniciativa, no entanto, ainda foi grosseira. Há outras mais sofisticadas. “A empresa sempre tenta ganhar a comissão para servir aos seus interesses e ela faz isto com uma sutileza inimaginável”, comenta um membro da comissão da Ford do Ipiranga. Segundo esta liderança, “a empresa tenta criar um clima de paz no trabalho. Os RRs (reclamos industriais) afirmam que não

há mais opressão, que todos pertencem à mesma família e que é preciso produzir mais, evitar desperdício de peças”.

No final do ano passado um dirigente da comissão da MWM, metalúrgica na Zonal Sul de São Paulo, colocava o mesmo problema: “Com a comissão a empresa aumentou seus lucros. Antes lá dentro era um cângaco. A chefia vivia maltratando os operários e o peão bronqueado produz menos. Hoje os chefes não têm mais o mesmo poder e o trabalho é feito sem pressão”. Para ele, estas melhorias nas relações do trabalho se deviam “à força da nossa comissão. Nós conquistamos liberdade, fazemos reuniões sem avisar, distribuímos boletins”. No entanto este ativista já demonstrava certa preocupação: “A gente até desconfia de tanta liberdade”. Seu receio era mais do que justo. Poucos meses depois a comissão dirigiu uma greve por reajustes salariais e a empresa demitiu todos seus membros.

Esta experiência serve para mostrar que os capitalistas não se utilizam apenas da violência para castrar o movimento operário. Se não pode contê-lo, a burguesia tenta enfraquecê-lo na base; busca iludir suas lideranças e quebrar o espírito de luta de classes; procura inclusive cooptar e corromper determinados dirigentes. Os operários de vanguarda precisam levar isto em conta: todos os seus instrumentos de organização e luta não devem servir para a harmonia com a burguesia.



Uma bandeira que se tornou obrigatória e prioritária para os sindicatos atuantes

Sindicato e comissão: como atuar?

As comissões de fábrica não têm ficado imunes às concepções políticas incorretas que atuam no meio sindical. Principalmente no que se refere à sua relação com os sindicatos, há inúmeros contrabandos sendo passados à classe operária. A grosso modo pode-se diferenciar três formas de encarar este problema, afora aquela puramente patronal já mencionada.

TENTATIVA DE DIVIDIR

Uma visão defende que as comissões de fábrica não devem ter nenhuma ligação com os sindicatos, ao contrário, devem atuar contra eles. À frente desta concepção sectária e divisionista estão os trotsquistas incrustados no PT que pregam que “as comissões de fábrica jogam papel fundamental na construção do Sindicato Livre... na destruição do Sindicato oficial” (boletim da Oposição Sindical Metalúrgica).

Com tal prática estes setores isolam a luta operária em cada fábrica, negam o papel unificador do sindicato. No ano passado a greve da Monark de Santo Amaro foi prejudicada pela influência desta visão na comissão de fábrica. Estes elementos recusaram o auxílio do Sindicato e chegaram a

propor a expulsão de um diretor da entidade numa reunião. A paralisação não obteve conquistas e os membros da comissão foram demitidos sem haver qualquer resistência do coletivo da fábrica.

Outra visão prega a total subordinação das comissões ao sindicato, tentando torná-las simples delegacias sindicais sem qualquer autonomia. Também exclusivista, esta concepção junta pelegos, reformistas e certas lideranças petistas que, temendo perder o controle nas “suas” bases, tentam controlar rigidamente o novo organismo e impor sua política.

Esta postura traz um perigo a mais: vincula as comissões à estrutura sindical atrelada ao governo. No primeiro Estatuto da comissão da Ford de São Bernardo, por exemplo, lê-se no artigo 4 que dois diretores do Sindicato são membros efetivos da comissão no cargo de coordenador e vice-coordenador; e no artigo 15, que “o Sindicato pode avocar a representação dos empregados na discussão dos assuntos que sejam objeto da atuação da comissão”. Seguindo este dispositivo, a junta interventora que tomou o Sindicato dos Metalúrgicos em 1983 poderia avocar os poderes de di-

rigir a comissão da Ford!

Por último, expressivos setores do movimento sindical entendem que as comissões de fábrica devem ter autonomia na sua área de atuação. Como forma de organização dos operários na fábrica, as comissões têm condições de mobilizar a totalidade das bases. Elas representam o conjunto de trabalhadores na empresa, têm mais condições de encontrar os problemas que afetam o coletivo da fábrica e definir as formas de luta para superá-los.

PROPOSTA CLASSISTA

Isto não representa paralelismo sindical. Pelo contrário, esta corrente prega o fortalecimento do sindicato por entendê-lo como órgão unificador da categoria. Certas experiências concretas em São Paulo demonstram que seguindo esta orientação o número de sindicalizados aumenta, a presença nas assembléias é mais representativa. E a recíproca é verdadeira: não se isolando nas fábricas e conquistando o apoio do sindicato, as comissões ganham mais respaldo e confiança dos operários. Com esta prática, a comissão contribui decisivamente para transformar os sindicatos, torná-los órgãos classistas democráticos, unitários e de massas.

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

UEE-MG apóia candidatura única

Entre 12 e 14 de outubro foi realizado em Belo Horizonte o 29º Congresso da UEE de Minas Gerais, o maior e mais representativo desde a reconstrução da entidade. Cerca de 370 delegados debateram os principais problemas que afligem os universitários de todo o país, em especial a carência de verbas para a instituição, e a sucessão presidencial.

As principais resoluções do Congresso foram apoio à candidatura única das oposições, a elaboração de um plano de emergência para a Universidade e de um programa de governo a ser encaminhado ao ex-governador Tancredo Neves.

Várias entidades, partidos e personalidades estiveram presentes na abertura para saudar aos estudantes mineiros e expressar o apoio a sua luta: UNE, Associação Nacional dos Médicos Residentes, Conclat, CUT, Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, União da Juventude Socialista, UMES, Comissão pela Legalidade do PC do B, PMDB, PT e outros partidos, além de vereadores da grande Belo Horizonte.

Ao final da solenidade de abertura, o senador João Calmon (PMDB-ES), convidado especial, denunciou a não implementação de sua emenda constitucional que destina 13% do orçamento fiscal da União para a Educação.

As resoluções aprovadas e a diretoria eleita expressam sem dúvida a disposição dos estudantes mineiros em não dar tréguas ao regime militar e continuar a luta por uma Universidade democrática, pública e gratuita. Ao mesmo tempo, criam condições para que a UEE-MG rompa com o imobilismo que a tem caracterizado nos últimos anos. Nesse sentido, jogou papel decisivo a corrente Viração que tem na chapa diversos representantes, entre os quais a vice-presidente, Gisela Mendonça.

A nova diretoria da UEE de Minas Gerais está agora empenhada em levar um grande número de delegados ao 36º Congresso da UNE, no Rio de Janeiro, entre os dias 25 e 28 deste mês.



O Congresso da UEE de Minas mobilizou 370 delegados em favor da candidatura única

OPINIÃO

Sucessão polariza estudantes

O Congresso da UEE-MG demonstrou mais uma vez o grau de polarização da sociedade brasileira na atual conjuntura. De um lado, o regime militar representado por Paulo Maluf. De outro, as mais amplas forças oposicionistas aglutinadas em torno da candidatura Tancredo Neves, como esperança democrática. E, neste confronto, a tendência marcante da opinião pública é a favor do candidato das oposições.

A posição sobre a sucessão presidencial vai se destacar no Congresso da UNE, assim como em qualquer eleição, congresso ou seja lá o que for, neste período. Todos percebem que esta disputa coloca-se, atualmente, acima de todas as

reivindicações. Não que os demais problemas deixem de existir ou percam importância. Mas estão umbilicalmente associados à luta pela Presidência, que decide, no momento, a sorte do regime militar e abre caminho para a solução democrática da questão do poder em nosso país. O próprio destino da Universidade está indissolivelmente ligado à luta sucessória. O candidato pedessista à Presidência, Paulo Salim Maluf, já fez sua proposta neste sentido: uma Universidade elitista, ainda menos democrática que a atual, dependente das empresas multinacionais. Em outras palavras, o ensino público e gratuito, reivindicação antiga dos estudantes e de toda a população, fica enterrado caso ganhe o candidato do regime militar.

O presente Congresso da UNE, por sua representatividade e pela tradição de luta da gloriosa entidade nacional dos estudantes, ganha assim importância impar para todos os democratas. Impõe-se, portanto, a cada estudante e a cada cidadão patriota e democrata fazer o que estiver a seu alcance para contribuir com o êxito deste conclave.

A própria sobrevivência da Universidade está em jogo. Para que ela resista é indispensável a conquista de liberdade. Somente assim a população garantirá seu direito ao ensino público e gratuito. Todos os esforços justificam-se para garantir a presença do máximo de delegados e assegurar a vitória da unidade e da democracia.

Os sem-terra do Paraná preparam manifestação

Agricultores sem terra de Guaraniaçu, oeste do Paraná, estão preparando para o fim do ano grande concentração naquela cidade. Para a manifestação espera-se mais de 2 mil bóias-frias, arrendatários, meeiros, posseiros e pequenos produtores. Eles vão exigir "um pedaço de terra, conforme prevê e assegura o Estatuto da Terra, mas que na realidade não vem sendo colocado em prática".

Segundo o arrendatário Agripino Pedro da Silva, vão ser realizadas várias reuniões preparando a manifestação. "A intenção é discutir um plano de lutas onde elaboraremos propostas concretas a serem apresentadas no fim do ano, provavelmente ao secretário da Agricultura, Claus Magno Germer." Para Agripino "a reivindicação principal é de se adquirir módulos que vão de três a cinco alqueires de terra, os quais nos comprometemos a pagar com nossa própria força de trabalho".

Também em Cascavel, onde 5% dos produtores rurais detêm 50% das terras do município, cogita-se organizar uma concentração no final do ano, com o objetivo de pressionar as autoridades a tomarem iniciativas para minimizar o drama do trabalhador sem terra. No oeste do Paraná nada menos que 20 mil bóias-frias vivem em condições subumanas. Em Corbélia, a exemplo de Guaraniaçu, reuniões dos sem-terra dão um novo alento aos agricultores.

Por outro lado, as inúmeras investidas dos grandes proprietários na tentativa de desalojar os minifúndios aceleram esta insustentável situação, juntando-se ainda aos seguidos despejos de posseiros sem título da propriedade, o que é muito comum nesta região. Correndo no mesmo nível, constata-se o mais recente processo de elevação do número dos despossuídos do campo: os que trabalham nas culturas de subsistência estão sendo trocados pelas máquinas dos grandes proprietários, que optam pela monocultura. Este processo se verifica com os fazendeiros que possuem terra na região e moram em outros Estados. (Mário Luiz Milani de Cascavel)



Trabalhadores querem terra no Paraná

Apanhadores de laranja encerram greve de 10 dias

Mais de 10 mil apanhadores de laranja da região de Bebedouro, no interior de São Paulo, voltaram ao trabalho dia 13, depois de permanecerem em greve durante 10 dias. Em assembleia, com cerca de 500 trabalhadores rurais, foi aceita a proposta patronal, discutida entre os patrões, representantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Comissão dos grevistas e o secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto.

Apesar de não conseguirem o preço que pediam por caixa de laranja apanhada (Cr\$ 450,00 mais outros benefícios), os apanhadores de laranja aceitaram trabalhar recebendo Cr\$ 287,00 por caixa. No final da safra o trabalhador receberá ainda Cr\$ 72,00 a título de 13º salário, férias e indenização trabalhista.

Esta luta dos trabalhadores rurais solidificou mais uma vitória na sua organização. Foi a segunda grande greve em menos de seis meses e permitiu obter um salário um pouco melhor — recebiam Cr\$ 168,00 por caixa. Os patrões — fazendeiros e industriais de sucos cítricos — estão faturando bilhões de cruzeiros com o aumento internacional do preço da laranja devido à queda na produção nos Estados Unidos. Para quebrar a intransigência, os patrões se recusavam a dialogar sobre aumento salarial, foi necessário apelar para a greve. Com a participação dos assalariados agrícolas nesta luta, o seu nível de consciência vai crescendo, permitindo novas conquistas no futuro.

Centros Cívicos debaterão a liberdade nas escolas

A UBES organizará no dia 27 de outubro em São Paulo o Encontro Estadual de Centros Cívicos visando debater a autonomia e a independência das entidades estudantis dentro das escolas. O Encontro tem o apoio da Secretaria de Educação. O deputado Aldo Arantes, autor de um projeto de lei pela liberdade dos Centros Cívicos, estará presente.

"A questão da democracia dentro da escola é um tema central e de importância inegável para os estudantes", afirma Delcimar Pires, presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, promotora do Encontro de Centros Cívicos. A legislação que regulamenta o funcionamento das entidades dos secundaristas em cada escola ainda é baseada nos decretos autoritários do regime fascista de 1969. Qualquer tipo de mobilização estudantil só é permitida com autorização da direção da escola.

Raimundo Miguel, diretor de Cultura da UBES, exemplifica com o ocorrido numa escola secundária de Belém, no Pará. A diretora do estabelecimento de ensino ameaçou suspender das aulas os estudantes da diretoria do Centro Cívico que pretendiam formar uma comissão pró-diretas na escola no primeiro semestre. "Se for organizada uma festa para comprar bandeiras ou material para a escola é permitido — relata Raimundo —, mas se for uma festa ligada a um assunto tão importante como a eleição, é proibida".

REPRESSÃO POLICIAL

Há casos mais graves do uso até da repressão policial dentro das escolas. No primeiro semestre, mais de dez escolas de São Paulo foram invadidas pela PM onde os centros cívicos eram mais atuantes. Contudo, apesar de todas as medidas repressivas, a luta pela liberdade vem crescendo. Cleonice Lima, vice-presidente da UPES, informa que na Escola Carlos Gomes, em Campinas, desde 1980 vem sendo travada uma batalha pela autonomia do Centro Cívico. "Todo este processo fez com que em agosto o Centro Cívico se transformasse em Grêmios Livres, se desatrelando da direção da escola."

Para os secundaristas, a aprovação do projeto de lei do deputado Aldo Arantes (PMDB-GO) é de fundamental importância, pois assegura a organização de Grêmios Estudantis com entidades autônomas e representativas dos interesses dos estudantes.

UMES-SP precisa politizar as suas bases

Aproxima-se o Congresso da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo. A UMES-SP, que representa uma base de centenas de milhares de secundaristas de centenas de escolas, está imobilizada, dividida, partidarizada e distante das escolas e dos estudantes devido a 5 anos de gestões consecutivas do PT (Alicerce) e sua política estreita que despreza os principais anseios da massa secundarista.

As últimas gestões, já refletindo o esvaziamento da entidade, foram proporcionais. Isto, além de não resolver os problemas da entidade, aprofundou o fosso existente entre a entidade e os estudantes, partidizou a UMES levando a maioria das forças a dedicarem-se aos seus interesses próprios.

Nestes anos de avanço da luta democrática e isolamento do regime militar, os secundaristas ficaram sem direção, não atuaram organizadamente. As conquistas democráticas do conjunto da sociedade ainda não vingaram nas escolas, onde é grande a falta de liberdade.

Hoje, dentro do quadro de avanço da Aliança Democrática contra o regime militar, os secundaristas de São Paulo unem-se numa ampla frente para unificar, fortalecer e consolidar a maior entidade municipal do país.

A legalização da UMES, seu reconhecimento, a conquista de uma sede, o desatrelamento dos centros cívicos, a conquista de mais verbas, de liberdade, a abertura das escolas para atividades esportivas, culturais, um jornal da entidade etc., são algumas das tarefas que se colocam com urgência para os estudantes e para a próxima diretoria da UMES-SP.

Chega de omissão e discursos pretensamente radicais, que não avançam nem organizam os jovens na conquista de suas reivindicações. Unidade, ação e luta é o que precisamos na UMES HOJE. (Lúcio Tomillo, Bia Marcos e Ivan, diretores da UMES-SP e de centros cívicos escolares)



Os estudantes condenaram Maluf e rechaçaram as propostas sectárias do PT

Congresso da UMES de Fortaleza apóia Tancredo

Foi realizado, nos dias 6 e 7 de outubro, o III Congresso da União Metropolitana de Estudantes Secundaristas de Fortaleza. Nele, os estudantes definiram apoio ao candidato único das oposições, Tancredo Neves, e elegeram uma diretoria combativa, da chapa Mudança-já, encabeçada por Flávio Vilar — à altura das novas tarefas que se colocam para a entidade.

Mais de 400 delegados, escolhidos em 72 escolas do centro e da periferia de Fortaleza (e de 25 Centros Cívicos e Grêmios de escolas públicas e particulares), participaram do evento, revelando grande entusiasmo e proporcionando-lhe expressiva representatividade.

Demonstrando o caráter amplo da luta dos secundaristas, diversas entidades populares e democráticas estiveram presentes à abertura do III Congresso. Entre elas, a Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza, o Centro Popular da Mulher — CPM, DCE da UFC, DCE da UECE, representantes de entidades estudantis do interior do Estado (Crato e Iguatu), lideranças secundaristas de outros Estados (Paraíba e Maranhão), os vereadores Francisco Lopes, Raimundo da Matta e Marcus Fernandes (todos do PMDB), representantes do PDT, PT e PMDB e a Comissão Estadual pela Legalidade do Partido Comunista do Brasil (PC do B).

Durante os dois dias em que transcorreu o encontro, os delegados discutiram com muita disposição o temário proposto pela diretoria da UMES. Em plenária, foram aprovadas várias propostas que refletem o anseio da juventude de maior participação na vida política e social. Além de propor várias iniciativas no meio cultural, o Congresso tomou posição em favor da redução do aumento das anuidades nas escolas particulares, contra as taxas nas escolas públicas, por mais verbas para a Educação e por uma escola democrática, científica, voltada para os interesses nacionais e populares.

PT ISOLADO

Desde a abertura da reunião, estava evidente que o tema mais polêmico seria o da sucessão presidencial. De fato provocou calorosas discussões. De um lado, estava a maioria dos delegados, liderados pela Juventude Viração, defendendo o candidato único das oposições à Presidência, Tancredo Neves. Do outro, trotsquistas e os "independentes" do PT propondo o boicote ao Colégio Eleitoral. Os petistas foram facilmente isolados e derrotados em plenária, que aprovou o apoio a Tancredo Neves com um programa mínimo voltado para os interesses do povo brasileiro, que contemple, entre outras coisas, a convocação da Constituinte, plena liberdade política e rompimento dos acordos com o FMI. Refletindo esse clima, a chapa Mudança-já, foi eleita com 70% dos votos.

(da sucursal)

Canavieiros páram a Paraíba contra arrogância patronal

A intransigência dos usineiros em não negociar uma pauta de reivindicações de 42 pontos levou os 120 mil canavieiros a deflagrar uma greve na Paraíba, por tempo indeterminado. Ao todo são 34 municípios que estão paralisados, com os assalariados da cana prometendo só voltar ao trabalho depois do atendimento de suas exigências.

Os grevistas exigem um salário de Cr\$ 190 mil, terra para plantar, pagamento dos salários em caso de doenças, transporte seguro, definição de tabela de tarefa, entre outras reivindicações. Na última rodada de negociação, no dia 12, os usineiros mostraram toda sua arrogância: retiraram-se da sala da Delegacia Regional do Trabalho, alegando que não tinham condições financeiras para atender às reivindicações.

Diante dessa intransigência patronal, os trabalhadores realizaram nova assembleia no domingo, dia 14, e referendaram a greve — aprovada no dia 7 de outubro. Neste dia mesmo formaram comissões de greve e na segunda-feira, às 4 horas da manhã, piquetaram as estradas que dão para as usinas, barrando os caminhões que transportam os canavieiros.

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetag) prevê que mais de 100 mil canavieiros estão parados. “Nós estamos em greve e só voltamos ao trabalho com nossas reivindicações atendidas”, afirmou Álvaro Diniz, presidente da Fetag, à **Tribuna Operária**. Além dos canavieiros, também paralisaram suas atividades os trabalhadores do



Canavieiros realizam assembleia no STR de Alagoa Grande e decidem manter a paralisação

abacaxi e da Maguary, indústria que explora a plantação de frutos tropicais na Paraíba.

“NÃO MORRER DE FOME”

“Nós estamos em greve para não morrermos de fome. Chega de dar dinheiro para os usineiros que vivem a explorar este povo pobre”, comenta o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Lucena, João José da Silva. O trabalhador Gilvan Gonzaga, com 62 anos de idade, desabafa: “Os trabalhadores estão levando uma vida de cão. Trabalhamos a semana inteira para receber Cr\$ 8 mil. Por isso, a greve vai continuar”.

Esta disposição de luta se estende aos dirigentes dos 34 STRs, da Fetag e da Contag. José Francisco da Silva, presidente da Contag, está em João Pessoa e garante que “a greve não vai durar uma semana nem duas. Sua duração depende da disposição de negociação dos usineiros. Quando eles

quiserem pagar o que reivindicamos, nós acabamos a greve. Enquanto não, ela vai continuar até a vitória, como aconteceu em Pernambuco e no Rio Grande do Norte”.

RESPOSTA VIOLENTA

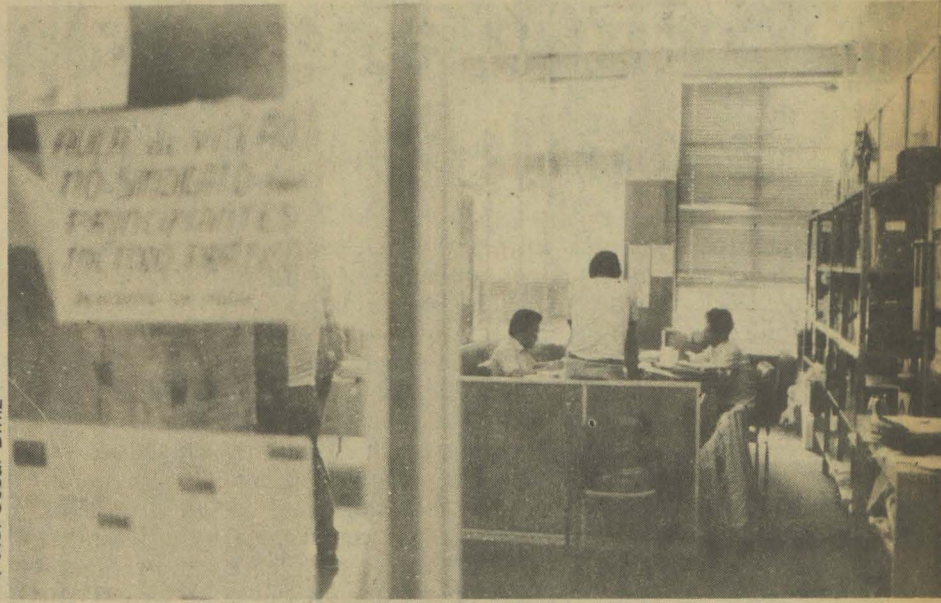
Além de não atender as reivindicações, os usineiros estão agindo com violência contra os grevistas. O município de Alagoa Grande — onde há mais de um ano foi assassinada Margarida Maria Alves — é um dos mais violentos. Lá o usineiro Zito Buarque comandou uma equipe de capangas e agrediu a coronhada de espinhaga calibre 12 o presidente do STR, José Horácio. Nas fazendas e engenhos muitos canavieiros são impedidos de se dirigir às assembleias da entidade sindical; os sindicalistas são proibidos de entrar nos locais de trabalho.

Em Cuitagi, os usineiros Zito Buarque e Nilton Montenegro efetuaram a prisão do presidente do STR, de mais três diretores da entidade

e de um menor de 15 anos. Em Sapé, o usineiro João Balbino jogou sua camionete sobre os canavieiros, deixando ferido gravemente o trabalhador Manoel Gomes. O mesmo ocorreu em Mari. Em Pitumbu a polícia prendeu vários grevistas que realizam piquete na Usina Tabu. O governador do Estado, o malufista Wilson Braga, nada fez para conter as violências.

ATO EM PERNAMBUCO

Cerca de 10 mil canavieiros realizaram passeata pelo centro de Recife na terça-feira, dia 16, para protestar contra a ação dos usineiros, que recorreram ao Tribunal Superior do Trabalho para anular as conquistas da última greve. Os 240 mil trabalhadores na cana afirmam em documento que se as conquistas do DRT forem anuladas eles voltarão a paralisar as usinas. Na passeata ficou evidente a disposição dos cortadores de cana em resistir às tramoias dos patrões. (das sucursais)



Agentes do Ministério do Trabalho vasculham a entidade.

Intervenção branca nos Metroviários paulistas

O combativo Sindicato dos Metroviários de São Paulo voltou a ser alvo das provocações do governo dos generais. No último dia 15, dois agentes do Ministério do Trabalho se instalaram na sede da entidade para realizar uma auditoria, com investigações que vão desde a fundação do Sindicato até os dias de hoje. “Isto é um abuso, é uma intervenção branca”, desabafa José Carlos, diretor da entidade.

“O estranho é que o Sindicato ficou sob intervenção durante nove meses, com os homens do ministro do Trabalho realizando auditoria. Eles mesmo disseram que estava tudo em ordem, que não havia nenhuma irregularidade contábil ou administrativa. Agora vêm estes dois agentes e negam o trabalho da Delegacia Regional do Trabalho”, explica José Carlos.

Segunda a diretoria do Sindicato, a “intervenção branca” é mais uma forma de intimidar a categoria. Durante a greve geral de 21 de julho do ano passado os generais intervieram na entidade, cassando sua diretoria e, só após intensa pressão dos trabalhadores, o Sindicato foi devolvido, em abril deste ano. Agora realizam esta nova provocação que, segundo José Carlos, deve-se a dois fatores.

INTIMIDAR O SINDICATO

Um deles é que a categoria, com mais de 4 mil trabalhadores, está em luta salarial, reivindicando da com-

panhia do Metrô reajustes acima do INPC e o trimestral. “O ministro do Trabalho conhece o poder de mobilização dos metroviários, por isto coloca intrusos no Sindicato para atrapalhar nossa atuação. Ele usa desta estrutura sindical fascista para tentar controlar o Sindicato”, afirma J. Carlos. Apesar de ser a época do reajuste automático, a categoria tem se mobilizado na luta salarial. Cerca de 400 trabalhadores participaram da primeira assembleia, fato inédito na história do Sindicato.

Além disto a entidade tem tido posição de destaque na luta contra o regime militar. “A direção do Sindicato foi uma das organizadoras da Grande Assembleia Popular e Democrática, que encaminhou a Tancredo Neves as reivindicações que os trabalhadores querem ver constar no programa do candidato oposicionista. A intervenção branca faria parte das investidas que os órgãos de repressão vêm fazendo contra entidades democráticas nos últimos dias, como o incêndio do Tuca e do Taib. “Visam intimidar as forças que lutam pelo fim do regime militar”, comenta José Carlos.

A diretoria não se intimidou com a presença dos auditores na entidade e já colocou a categoria em “estado de alerta”, visando impedir qualquer iniciativa mais brusca de Murilo Macedo. Também tem pressionado os agentes do ministro a encerrarem a auditoria e “sumirem do Sindicato”.

Vitória da Chapa 1 fortalece metalúrgicos cariocas

A Chapa 1 venceu as eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro logo no primeiro escrutínio, colocando quase 700 votos na frente de sua principal concorrente, a Chapa 2, dirigida pela CUT. Esse resultado no segundo maior sindicato do Brasil foi uma importante vitória para a unidade da classe operária.

No cômputo geral a Chapa 1 conseguiu reunir mais votos que o total das Chapas 2 e 3 somado com os brancos e nulos. O resultado final foi o seguinte: Chapa 1: 4046 votos (50,2% dos votos apurados); Chapa 2: 3387 votos; Chapa 3: 319 votos; em branco: 66; nulos: 233.

A Chapa 1, portanto, ganhou e levou na primeira votação. Inconformada, a Chapa 2 entrou com um recurso na Justiça com a alegação absurda de que a Chapa 1 deveria ter tido 68% dos votos para ser declarada vencedora. Essa manobra desesperada não deve dar em nada.

É preciso considerar também que o resultado acima não inclui uma urna importante no estaleiro Caneco, onde a Chapa 1 era favorita e poderia levar 150 votos de diferença, mas foi anulada por falcaturas da Chapa 2.

A CAMPANHA SALARIAL

A votação nas grandes fábricas foi bem dividida: na General Elétric e no Estaleiro Caneco a Chapa 1 foi vitoriosa; já no Estaleiro Ishihara e na Emaq quem teve mais votos foi a Chapa 2. Em termos geográficos, a Chapa 1 levou a melhor em



Greve na Emaq em julho: a mobilização na campanha salarial ajudou a Chapa 1

quase todas as áreas (cerca de 85%), vencendo nos estaleiros como um todo, nas regiões de Jacaré, Nova Iguaçu, Caxias, Campo Grande, Jardim América, Guadalupe, Vicente de Carvalho, Ipanhuma, São Cristóvão, Centro, Sul, Zona Norte e nas urnas do Sindicato.

A Chapa 2 chegou a crescer nos dias anteriores à eleição, aproveitando a insatisfação de alguns segmentos da categoria durante a campanha salarial, pela não-declaração da greve. Para conturbar o quadro, os elementos da Chapa 2 passaram a combater a mobilização para a greve, argumentando que o movimento era uma “armação” da Chapa 1.

O relativo crescimento da chapa da CUT na reta final refletiu o profundo desgaste da última diretoria no seio da classe. Neste quadro duas questões foram fundamentais para manter a confiança da categoria na Chapa 1 e confirmar sua vitória: a presença na campanha

eleitoral e sua posição política nacional de apoio à candidatura única das oposições para a Presidência da República.

APOIO A TANCREDO

A Chapa 1 teve importante participação na campanha salarial, chamando os metalúrgicos para a luta e preparando a greve. Em vez dos discursos demagógicos da chamada “oposição”, ela levou a cabo, desde então, a política de renovação do Sindicato. A 2 teve na prática um papel desmobilizador.

Os resultados das eleições do Rio não têm significado apenas sindical. Estão diretamente ligados à luta política que se trava no país. Durante todo o período eleitoral, a chapa levou a campanha de Tancredo para todas as fábricas, sintonizando-a com a campanha para liquidar o regime militar e seu candidato. Enquanto isso a Chapa 2 se omitia por completo do assunto, fruto da aliança oportunista de visões sindicais e políticas antagônicas

em seu interior. O que a campanha eleitoral demonstrou, e as urnas confirmaram, foi o grande apoio da classe operária carioca ao candidato único das oposições. Em várias fábricas a Chapa 1 era identificada como aquela que combatia Maluf, enquanto a outra se omitia.

DEIXAR DE LADO AS DIVISÕES

O resultado da eleição deve se traduzir numa retomada da campanha salarial. Três eixos foram definidos: intensificar a luta pelo reajuste trimestral nas portas das empresas e internamente; preparar desde já a luta contra o facão que deve surgir no mês de dezembro quando termina a estabilidade conquistada na campanha salarial; por fim, abrir uma ampla campanha de sindicalização para transformar o Sindicato num instrumento efetivo de luta da categoria. Agora a divisão eleitoral deve ser encerrada. É o momento da união e o fortalecimento do Sindicato. (da sucursal)

Empossada diretoria dos Metalúrgicos de Caxias

No último dia 12, no salão dos Capuchinhos, foi empossada a nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul, num ato com a presença de mais de 2 mil pessoas. A solenidade, que evidenciou o espírito de combate da nova direção sindical gaúcha, foi prestigiada por representantes de várias organizações populares do município e do Estado.

Enio Marques, presidente da entidade, relatou o plano de trabalho da nova diretoria, destacando que ela estará a serviço da mobilização e organização da categoria. Enio anunciou a nova política do Sindicato com relação ao trabalho no meio das metalúrgicas — mais de 30% da categoria —, anunciando a realização de cursos e outras atividades. (da sucursal).



Enio, o novo presidente do Sindicato

Governo tenta impor o pluralismo sindical

O movimento sindical brasileiro está diante do sério risco da legalização do pluralismo sindical. É que foi aprovada na Câmara e está para ser votada no Senado a Convenção 87 da OIT (Organização Internacional do Trabalho). Este dispositivo fala em autonomia e liberdade sindical, em fim das intervenções nos sindicatos e em outras reivindicações do sindicalismo; mas traz embutida a possibilidade do pluralismo sindical, da existência de vários sindicatos de uma mesma categoria e de inúmeras centrais sindicais nacionais. Ou seja: a Convenção 87 dá brechas para a fragmentação e atomização do movimento sindical, para a divisão da classe operária — velho anseio da burguesia.

O que gera maior preocupação é que a Convenção 87 estava arquivada na Câmara Federal há 35 anos. Agora, de repente, é aprovada às escondidas, numa sessão esvaziada, sem qualquer consulta ao movimento

sindical. E o que é mais grave: foi o partido do governo, o PDS, através do senador Carlos Chiarelli, que defendeu sua urgente aprovação. Exatamente os generais, que intervêm em centenas de sindicatos decretam a ilegalidade das greves, falam agora em liberdade sindical!

Alguns setores do movimento sindical, particularmente os ligados ao PT e à Igreja, que no dia-a-dia tentam dividir na prática o movimento sindical, são os maiores defensores da Convenção 87. Afirmam que ela trará a autonomia dos Sindicatos. Santa ilusão — ou traição! No Chile do ditador Pinochet, a Convenção 87 está legalizada, e será que há alguma liberdade para os trabalhadores?! A Convenção da OIT pode até trazer aspectos positivos para o sindicalismo, mas não pode ser imposta sem ampla discussão e marginalizando os maiores interessados no assunto.

Polícia assassina jovem e população se revolta

A Comissão dos Direitos Humanos era inativa em Divinópolis até 1983. Devido ao grande índice de violência na cidade, foi reativada pela bancada de vereadores, buscando ajudar a população contra o crime e as torturas. Logo no início houve denúncias de torturas, espancamento e até mortes de presos na Delegacia de Polícia. Hoje a Comissão passa a ser um canal do movimento popular, orientando e apoiando a população na luta contra a violência. A Comissão constatou que a

violência na Delegacia de Divinópolis já é institucionalizada. Autoridades civis abusam do poder recorrendo a espancamentos e torturas que levam até a morte. Entre as várias denúncias, um caso que vem abalando a população foi a barbaridade cometida por detetives contra Israel Manoel da Silva e seu companheiro Laerte Ferreira da Silva, que sobreviveu à tortura. Preso sem flagrante e sem provas, Israel foi levado de sua casa até a Delegacia de Polícia, onde teria que con-

fessar um roubo que não fez. Não agüentando os maus tratos dos detetives Antônio Celso, Paulo Warley e João (este implicado no caso) veio a falecer. Laerte foi vítima das mesmas torturas: afogamento e choque. Afirma que Israel não resistiu porque sofria de bronquite. Durante a noite Laerte sofreu ainda muitas torturas, sendo ameaçado de morte por ser testemunha do crime. Prometendo guardar silêncio, foi levado de volta à Delegacia. Mais tarde, ouvido

peia advogada Ivone Guimarães, procurou a Comissão dos Direitos Humanos. E certo de que teria apoio e proteção Laerte relatou a verdade, condenando os detetives. A Comissão abraçou a causa. Mobilizando a população procurou tornar público o ocorrido. No dia 3 de setembro Laerte foi ouvido numa comissão extraordinária da Câmara Municipal. A Comissão denunciou o fato também em Belo Horizonte através do deputado Mares Guia. O presidente da OAB em Minas, Obregom Gonçalves, também deu apoio à Comissão.

A Comissão dos Direitos Humanos procura ampliar seu trabalho fazendo com que toda a população participe dela. Tendo em vista que a Polícia Civil pouco protege e muito maltrata, tortura e mata, procurou respaldo junto aos órgãos competentes, para acabar com a violência institucionalizada. No caso de Israel, a Comissão sensibilizou a comunidade, não só de Divinópolis. Recebeu apoio da imprensa falada e escrita local e do Estado. No entanto a Comissão vem se preocupando com o comportamento das autoridades, as primeiras a proteger os detetives. A TO apóia e acredita na luta da Comissão. (tribuneiros de Divinópolis, Minas Gerais)



Dona Severina, retrato da fome do povo brasileiro

A carta abaixo foi enviada ao prefeito Pedro Juvêncio do município de Bayeux, Paraíba. Nela uma mulher pede ajuda para livrar-se do tormento da fome. Doente, sem casa para morar e passando dificuldades, Dona Severina é o retrato de um povo abandonado, vítima de um regime desumano, de exploração e miséria. E é por isso que cresce a importância de um programa de emergência assumido pelo candidato único das oposições para salvar o povo desta situação: “Como você me conhece bem e sabe que nunca fui de pedir, escrevi estas linhas porque não tenho coragem de falar, é duro. “Te faço ciente de que há mais de dois meses estou prostrada numa cama. Agora é com muito sacrifício

que estou podendo ir para a cadeira. Comendo quando o povo pode me dar. Elias me deixou uma quantidade que é de Cr\$ 15 mil por mês. Eu nunca quis jogá-lo na Justiça porque ele não ganha nenhum salário. “Meu genro parado, minha filha esperando nenê, desde que a casa caiu vim para este quartinho. Minha situação é de calamidade. Não posso comprar remédio para esta perna. Estou sem fazer feira. É triste, além de doente, sem casa e sem comida. Pedro, pelo amor de Deus, me dê uma ajuda! Além da casa que eu sei que você vai levantar. Senão, não dá tempo nem de voltar para casa porque já terei morrido e de fome. Me desculpe”. (funcionário da Prefeitura amigo da TO - Bayeux, Paraíba)

Operação de guerra aterroriza moradores de Vila Vargas

Várias casas foram invadidas com as portas e janelas colocadas abaixo a pontapé e cassetetes, como a casa de Selina Martins, que foi até destelhada pela forte ventania provocada pelo helicóptero. Crianças e professores da Escola América deitaram-se no chão devido aos vãos rasantes, entrando em pânico ainda maior quando os policiais invadiram o estabelecimento. A repressão policial na Vila Vargas, em Porto Alegre, tem sido uma constan-

te. Mas do dia 27 a 31 de agosto tornou-se palco de repressão das mais sofisticadas, com uso de cães amestrados e helicópteros. Nesta operação foram mobilizados mais de 200 homens, entre civis e militares, tudo para uma comunidade de apenas 600 moradores. Eles procuravam rapazes marginalizados, entre os quais muitos menores, criando um clima de terror e revolta na região. Também no posto de saúde ocorreu o mesmo. A polícia tenta, desta forma,

criar uma imagem negativa da Vila Vargas, levando a crer que se trata de um reducto de marginais, o que não é verdade. Mangola, morador da Vila, afirma: “Enquanto o governador e o prefeito gastam rios de dinheiro numa operação destas nas vilas populares, e em especial na Vargas, deixam-nas no completo abandono, sem água, luz, esgoto. A comunidade, em geral, repudia estes métodos usados pela polícia”. Contra esta violência policial os moradores da Vila Vargas, a As-

sociação de Moradores e demais entidades estão organizando uma comissão contra a violência. O Seu Milton, vice-presidente da Associação, foi enfático ao dizer: “Isto reflete os anos negros da ditadura, que hoje se encontra em decadência”. E destaca: “É preciso unir o povo para pôr fim a este estado de coisas, porque esses rapazes são fruto da sociedade que é preciso unir enterrada junto com o regime militar”. (amigo da TO - Porto Alegre, Rio Grande do Sul)

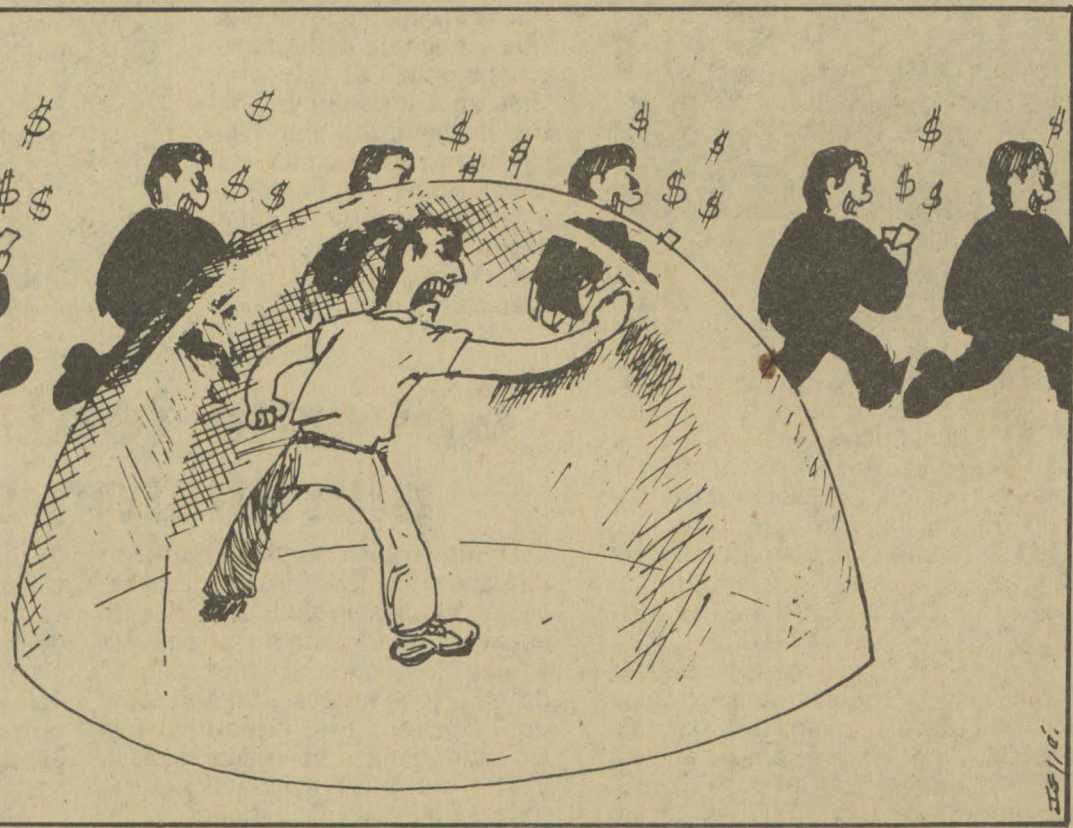


fala o POVO

res dos bairros pobres, buscar a justiça para as vítimas da violência. Um exemplo que merece ser examinado. (Olivia Bangel)

A vida amarga dos vidreiros do Estado de São Paulo

Os vidreiros do Estado de São Paulo enfrentam sérias dificuldades no trabalho, desde as más condições, falta de segurança, até os baixos salários. O desemprego também vem afetando seriamente a categoria, por causa da crise e também da automatização, que cresce cada vez mais no setor. Enquanto na Vidraria Santa Marina, da Água Branca, vários operários continuam perdendo seus empregos, na unidade da empresa em Mauá os trabalhadores estão sendo obrigados a fazer horas extras, cumprindo uma jornada de 12 horas de trabalho. Com esse método, não só a empresa aumenta seu estoque como também seus lucros, pois o preço da força de trabalho fica reduzido a um valor aviltante, já que o excedente da produção proveniente das horas extras deixa de ser produzido em um prazo mais longo. Com isso, os funcionários deixam de ganhar um salário melhor, já que em dezembro eles terão seus salários reajustados a essa forma de atuação da empresa dificulta a organização dos operários em torno da campanha salarial. O Sindicato da categoria está defendendo a jornada de 40 horas semanais e está pedindo aos trabalhadores



que não aceitem fazer hora extra para forçar a empresa a abrir vagas para mais empregos. Ao mesmo tempo alerta para o fato do trabalho dos vidreiros ser uma atividade desgastante e perigosa e que a Santa Marina de Mauá é uma das empresas que mais causam acidentes de trabalho. Enquanto isso, a Santa Lúcia Cristais Blindex, do Parque Novo Mundo, que tem cerca de 700 operários,

a partir de 1º de setembro concedeu aumento real somente para as chefias, enquanto os demais trabalhadores ficaram a ver navios. Não somos contra o aumento concedido aos chefes, mesmo porque o assalariado, independente da função que ocupa, está com seus salários 40% aviltados corroídos pela inflação. Porém, entendemos que o aumento deve ser concedido a todos os trabalhadores,

principalmente os dos setores produtivos, que ajudaram a Blindex a ser o que é hoje: uma das maiores empresas do setor. O Sindicato também quer criar subsele para organizar os companheiros da Blindex, Nadir Figueiredo, Sobral e Farravide, que reunem cerca de 4.500 operários. (Antônio Fernandes, vice-presidente do Sindicato dos Vidreiros de São Paulo)

As mulheres também precisam ir à luta

Resolvi escrever para esta seção “Fala o Povo” da Tribuna Operária, que há muito tempo vem divulgando a necessidade da participação das mulheres nas lutas do povo brasileiro, para contar minha experiência através da União de Mulheres de Caxias do Sul. Sempre acompanhei o movimento do meu marido e do meu filho, quando saíam cedo para fazer campanhas nas portas das fábricas. Mas não podia imaginar como era boa esta experiência antes de fazê-la. Saí de casa insegura e perguntando para o

meu marido o que deveria dizer. Ele me disse que na hora eu saberia. Descemos do ônibus e comecei a distribuir junto com outra companheira o jornal. Praticamente me escondi atrás desta companheira, mais experiente. Logo em seguida me aventurei, minhas pernas tremiam e a voz mal saía. Fui falando e adorei a experiência. Quero ir mais vezes e levar outras companheiras, porque o contato que tivemos com os operários, vivo, direto, foi muito enriquecedor. Mulheres, vamos à luta! (Célia - Caxias do Sul, Rio Grande do Sul)

Universidade da Paraíba dá uma lição de democracia

A Universidade Federal da Paraíba começa a viver os primeiros momentos do novo reitorado. Toda a comunidade universitária deseja e procura trilhar um novo caminho. Se esforça para fazer avançar dentro da Universidade as conquistas democráticas já conseguidas pela luta dos segmentos universitários e do povo. O novo reitor, escolhido, foi o mais votado pela comunidade universitária que participou maciçamente da consulta. No último dia 26 de setembro, participamos da consulta para a escolha da lista sextupla de onde sairá o diretor do Centro de Ciências da Saúde - CCS. O escolhido pelo voto majoritário de funcionários, estudantes e docentes foi o professor Norberto de Castro. Agora, os funcionários do Hospital Universitário - mais de 1.200 - que em eleger pelo voto direto os diretores do hospital.

Os funcionários do Hospital Universitário demonstraram uma grande combatividade nas três greves de que participaram; adquiriram experiência e sabem da necessidade da luta organizada. Sabem também que esta luta é um primeiro passo para se conseguir outras reivindicações sentidas por todos, como a insalubridade de 40%, periculosidade, adicional noturno, liberdade e melhores condições de trabalho. Sobre tudo entendem que esta luta é parte de uma luta maior para pôr fim ao regime dos generais, principal responsável pela situação caótica que vive a Universidade e pelos nossos baixos salários. Por isto, é voz corrente entre os funcionários que temos que apoiar a candidatura de Tancredo Neves a presidente da República, grupo de funcionários amigos da TO no Hospital Universitário - João Pessoa, Paraíba)

Vôlei aumenta a coleção de títulos internacionais

Mais duas conquistas importantes para a coleção de títulos internacionais que o vôlei brasileiro não deixa parar de crescer. Na Iugoslávia e na Itália, a equipe masculina da Pirelli de Santo André saiu campeã em dois torneios que contaram com a participação dos maiores times do mundo. E no Brasil, mais uma grande competição arrasta novas multidões para os ginásios do Ibirapuera e Maracanzinho.

Xandó, William e Montanaro foram considerados “maravilhosos e bravíssimos” pela imprensa esportiva italiana. E o time da Pirelli ganhou a condecoração de “clube irmão”, tal a admiração que a briosa moçada do ABC paulista despertou junto aos torcedores daquele país.

Foi uma grande campanha. Os campeões brasileiros passaram invictos por uma exaustiva série de partidas contra as maiores pedreiras do vôlei internacional — CSKA de Moscou, Santal de Parma e Fuji de Tóquio, entre elas. Venceu o Torneio Memorial de Zdenka Mikine, em Zagreb; e o bicampeonato da Copa Internacional de Clubes em Parma, na Itália. Um retrospecto que os credencia como favoritos no I Mundial de Interclubes, em disputa nas quadras brasileiras, com a participação dos campeões nacionais de Cuba, Japão, Argentina, Iugoslávia, Itália e Uruguai, e mais o Atlântica-Bradesco, vice-campeão brasileiro.

Nos últimos quatro anos, o nosso vôlei ganhou duas copas intercontinentais, um campeonato mundial juvenil, medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos, medalha de prata no campeonato mundial e nas Olimpíadas e todos os títulos sul-americanos que disputou em todas as categorias. Um rosário de vitórias que parece não ter fim. Mas que em alguns instantes faz o torcedor lembrar uma época de grandes vitórias em um outro esporte amador: o basquete, bicampeão mundial em 1959 e 1963 e vencedor de dezenas de competições

internacionais. O temível basquete brasileiro daqueles dias baseava-se no talento excepcional de meia dúzia de jogadores fora-de-série, como Vlamir, Amauri, Rosa Branca, Edson, Vítor, Jatir e Mosquito. Quando estes encerraram a carreira, nunca mais ganhamos qualquer título de importância internacional.

MENORES ABANDONADOS
Carlos Nuzman, presidente da Confederação Brasileira de Vôlei desde o início do atual ciclo de vitórias, garante que no vôlei a história não se repetirá. E segue promovendo mundiais, mundialitos e mundialecos onde os atletas exibam a refinada técnica em cadeia nacional de tevê, enquanto ele próprio desfila pelas tribunas de honra dos ginásios e nas concorridas entrevistas coletivas.

O bem articulado *show* de publicidade que cerca as apresentações do nosso vôlei não esconde, porém, que as divisões menores não têm recebido tratamento tão atencioso por parte da CBV. Nenhuma competição nas categorias juvenil ou infantil foi promovida no Brasil. E nelas a única grande vitória foi no sul-americano juvenil. Vamos ver onde se revelará um levantador do porte de William ou um atacante do naipe de Xandó ou Renan.

A torcida brasileira, por seu lado, já demonstrou que não vai correr o risco de deixar para ver amanhã o que talvez só possa ser visto hoje. E os ingressos para as finais do Mundial já se esgotaram nas concorridas bilheterias. (J. Madureira)



Teatro unindo mulheres

“Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre...”, cantavam emocionados os atores e a plateia ao final da apresentação da peça “Maria Ninguém”. Produzida pelo Centro de Cultura do Partenon, em Porto Alegre, e encenada pelos próprios moradores, “Maria Ninguém” retrada os problemas do povo, principalmente das mulheres.

O trabalho abordou a participação da mulher no Sindicato, na Associação dos Moradores, e as dificuldades enfrentadas em casa e na sociedade para que isto ocorra. Como resultado desta situação, o tema é desenvolvido para uma solução em que as mulheres possam, unidas, enfrentar estas adversidades e colaborar para as mudanças que se fazem necessárias, através da criação de uma União das Mulheres. Assim, de forma independente, as mulheres podem se organizar para lutar pela liberdade e tratar de suas questões específicas.

APLAUSOS E VAIAS
“Este é o verdadeiro teatro popular”, dizia um jovem no final da peça. Durante o transcorrer da encenação, a plateia participou com aplausos para as posições combativas e de luta, vaias e silêncio para o desânimo, para o vereador do PDS e os fraquejos. Zé, marido de Maria Ninguém, vindo do campo, está desempregado, abraça o vereador do PDS porque este lhe deu dinheiro para o ônibus (da plateia se ouve a indignação: “Tá te vendendo, Zé!”). Maria, através das amigas, desperta para a luta, e decide ir numa reunião

da Associação. Zé não aceita, alegando que é coisa de fofoqueira. Maria finca pé (uma mulher grita, da plateia: “Isto, dá pau nele!”). Rita, alienada e fútil, é vaiada porque tenta desviar Maria do caminho da luta. Estes são momentos da peça, que servem para mostrar a abrangência da temática desenvolvida.

ATÉ QUANDO?
Na saída, grande entusiasmo das mulheres presentes. “Tudo o que foi dito aí é verdade, se fizerem esta União de Mulheres eu vou participar”, disse à TO Jussara Santos, empregada doméstica, que trabalha 11 horas diárias por Cr\$ 70 mil por mês. Eleoni Terezinha, também doméstica, diz: “A peça foi muito importante. Reflete a vida da operária e da mulher. Nós precisamos ter um pouco de direito”. Jacila Botelho, dona-de-casa, senhora de idade, afir-

ma: “A peça fala dos nossos problemas, que o governo não vê, enquanto o povo tá cada vez mais fraco, com fome”. Regina, moradora do bairro, afirmou à TO que “para discutir os problemas da mulher não existe uma entidade. Na fábrica e no sindicato se discute a participação da mulher ao lado dos demais trabalhadores. Mas precisa de uma entidade em que ela possa debater o controle da natalidade, lutar por creche, discutir o relacionamento com o marido. Nunca vi as mulheres se reunirem para discutir isto. É preciso uma União das Mulheres”. Na ida para casa, todos levaram consigo as últimas palavras de Maria Ninguém: “Isto não tá direito. Poucos com tanta coisa, enquanto nós não temos nada. Até quando seremos Maria Ninguém, como eu?” (da sucursal)



William, “maravilhoso e bravíssimo”, segundo a imprensa esportiva italiana

Tetama, a nação nas telas de Carlinio

Tetama - nação - pátria - terra significam o mesmo. Porém, em idiomas diferentes. Tetama é tupi-guarani, o idioma da maioria dos índios do pau-brasil. Tetama é o título da terceira individual do jovem artista plástico Carlinio Teixeira Rodrigues, baiano de Salvador, 24 anos, estudante de licenciatura em desenho e plástica da Eba-UFBA. A exposição, na Galeria Solar Ferrão, IPAC, integra 30 desenhos em pastel seco, utilizando lápis de cor e pena.

Carlinio mostra em Tetama a visão urbana-ocidental da problemática do índio, englobando sua cultura. Tudo numa ótica de crítica social. Um painel onde é desenvolvida a denúncia sobre a situação atual do indígena brasileiro dentro do contexto do latifúndio, em expansão nas regiões demarcadas, seu paulatino aniquilamento cultural devido aos contatos desastrosos com os civilizados.

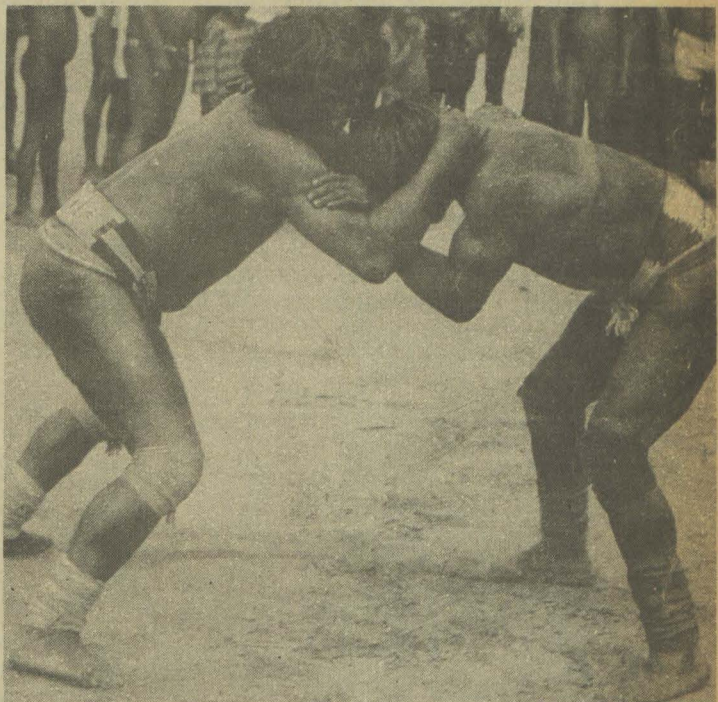
Carlinio demonstra nesta exposição seu fascínio por todo um vasto material de produção cultural dos índios, aprofundando o trabalho com o grafismo indígena, que na sua visão pre-

cisa ser melhor divulgado, assimilado e devidamente inserido como integrante de nossa cultural, pois faz parte do passado e presente da sociedade brasileira. O artista é engajado na luta dos que procuram fazer com que os índios tenham o direito à preservação de sua cultura.

Num mundo em crise, consumo superfluo e superficialidade, Carlinio tem buscado em sua obra o essencial. Suas duas mostras anteriores — Pindorama e Repensando Pindorama — demonstraram essa busca, obtendo excelente repercussão no público e artistas.

Em Pindorama (Brasil, em tupi-guarani) a visão ecológica, do desaparecimento da fauna, flora, é o indicio da pesquisa sobre o grafismo indígena. Foi um painel onde se mostravam os valores que se perderam ou não são suficientemente cultivados por nossa sociedade.

Repensando Pindorama foi um aprofundamento do grafismo, onde se levantavam os problemas das comunidades indígenas, como a demarcação de terras, aniquilamento físico e cultural



Vida indígena inspira a arte plástica de Carlinio

das comunidades, fazendo ainda analogia entre o que seria a destruição dos valores da cultura indígena e da cultura nacional. O “mundo” deles e o nosso.

O escritor, antropólogo, professor universitário, membro da Anai, Pedro Agostinho, diz que Carlinio procura traduzir através da arte a linguagem da cultura

indígena. Vê, entre ele e o artista plástico, o fascínio pela temática, tratada por caminhos diversos, e destaca que, nesse ponto, entender ou não de arte deixa de importar. “Importa é o encontro dos dois caminhos, com o reconhecimento, no índio, de um humano tão humano quanto humano é o nosso humano.” (da sucursal)

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.
Telefone: 36-7531 (DDD 011). Telex: 01132133 TLOBR.
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.
ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luis Pereira Lima, 237, sobreloja, CEP 57000. Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 57000.
AMAZONAS - Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro. Telefone: 237-8844 - CEP 69000.
BAHIA - Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800. Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 - Centro - CEP 44100. Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar, sala 1 - Centro - CEP 45600. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro. Juazeiro: Rua América Alves, 5-A - CEP 44060. Salvador: Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro - CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cimesit) - CEP 43700.
DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Venâncio IV - sala 312 - CEP 70302.
CEARÁ - Fortaleza: Rua do Rosário, 313 - sala 206, Centro - CEP 60000. Iguaçu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 79960.

Tribuna Operária
Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100.
ESPÍRITO SANTO - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300. Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000.
GOIÁS - Goiânia: Rua 27, nº 69 - Centro - CEP 74000. Anápolis: Rua Desembargador Jaime, 193, sala 205 - CEP 77100.
MARANHÃO - São Luís: Rua da Saavedra, 99 - Centro - CEP 65000.
MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone 321-5095 - CEP 78000.
MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: R. Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.
MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000. Juiz de Fora: Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - CEP 36100.
PARÁ - Belém: Rua Manoel Barata, 993 - CEP 66000.
PARAIBA - João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540 - 2º andar, sala 201 - Calçadão - Centro - CEP 58000. Campina Grande: Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - CEP 58100.
PARANÁ - Curitiba: Rua Tibagi, 428 - CEP 80000. Londrina: Rua Sergipe 984, sala 206, 2º andar - CEP 86100.
PIAUÍ - Teresina: Rua Barroso, 144 - 1º andar, sala 4 - CEP 64000. PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vigário Batista, 236 - CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5 - sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua Sossego, 221, Boa Vista.
RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Presidente Bandeira, 406, sala 109 - Alecrim - CEP 59000.
RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua General Câmara 52, sala 29 - CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dal Cammelle, 1891, 2º andar, fundos, CEP 95100. Pelotas: Rua Andrada Neves, 1589, sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1325, sala 20. Aberto depois das 18 horas e sábados das 9 às 12 horas.

RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua Alvaro Alvim, 31, sala 1801 - Cinelândia - CEP 20000. Niterói: Av. Amarel Peixoto, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Av. Marechal Floriano, 2246, sala 4, Centro. CEP 26000.
SÃO PAULO - Americana: Av. dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Costa Aguiar, 333, telefone 2-8345 - CEP 13100. Marília: R. Joaquim Barreto, 295 - CEP 17500. Osasco: Rua Tenente Avelar Pires de Azevedo, 25 - 2º andar, sala 12 - CEP 16000. Santo André: Travessa Lourenço Rondinelli, 35 - Centro - CEP 09000. São Bernardo do Campo: Av. José Arthur da Frota Moreira, 61 - Ferrazópolis - CEP 09000.
São José dos Campos: Rua Vilaça 195, 1º andar - sala 19 - Centro - CEP 12200. Taubaté: Rua Souza Alves, 632, sala 5, CEP 12100.
SERGIPE - Aracaju: Avenida Rio Branco - Edifício Ovídio Teixeira, sala 1220. CEP 49000.
A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Past-Up, Fotolito e Impressão, Cia. Editora Jorjés. Fone: 815-4999 - CEP Paulo - SP.

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual de apoio (52 edições)	☐ Cr\$ 40.000,00
Anual comum (52 edições)	☐ Cr\$ 20.000,00
Semestral de apoio (26 edições)	☐ Cr\$ 18.700,00
Semestral comum (26 edições)	☐ Cr\$ 9.350,00
Anual para o exterior (em dólares)	☐ US\$ 70,00

NOME: _____
ENDEREÇO: _____
BAIRRO: _____
CIDADE: _____ CEP: _____
ESTADO: _____ DATA: _____
PROFISSÃO: _____

Enderece a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

Receba em casa a Tribuna Operária pagando apenas Cr\$ 360 por exemplar

Quando você faz uma assinatura semestral ou anual da Tribuna, economiza mais de Cr\$ 40 por exemplar. Além disso, recebe seu jornal em casa toda semana. E ainda ajuda a imprensa operária, que depende do apoio dos trabalhadores para sobreviver e crescer. Assine a Tribuna. É uma contribuição mesmo o cupom anexo.

Preços válidos por tempo limitado. Envie hoje o seu cupom.

Tribuna Operária
Povo volta às ruas
SEMANA DECISIVA PARA DIRETAS-JA

Assine a Tribuna
É uma contribuição mesmo o cupom anexo.



O maior comício já realizado no Pará marcou o entusiasmo oposicionista do povo.

Comício gigante demonstra apoio dos paraenses a Tancredo

Milhares de pessoas — alguns falaram em mais de 300 mil — compareceram ao comício do dia 12, em Belém, demonstrando que o povo paraense em peso apóia a candidatura Tancredo Neves. Numerosas caravanas vieram do interior, mesmo das regiões mais longínquas do Estado — a de Conceição do Araguaia teve que percorrer mais de mil quilômetros até a capital.

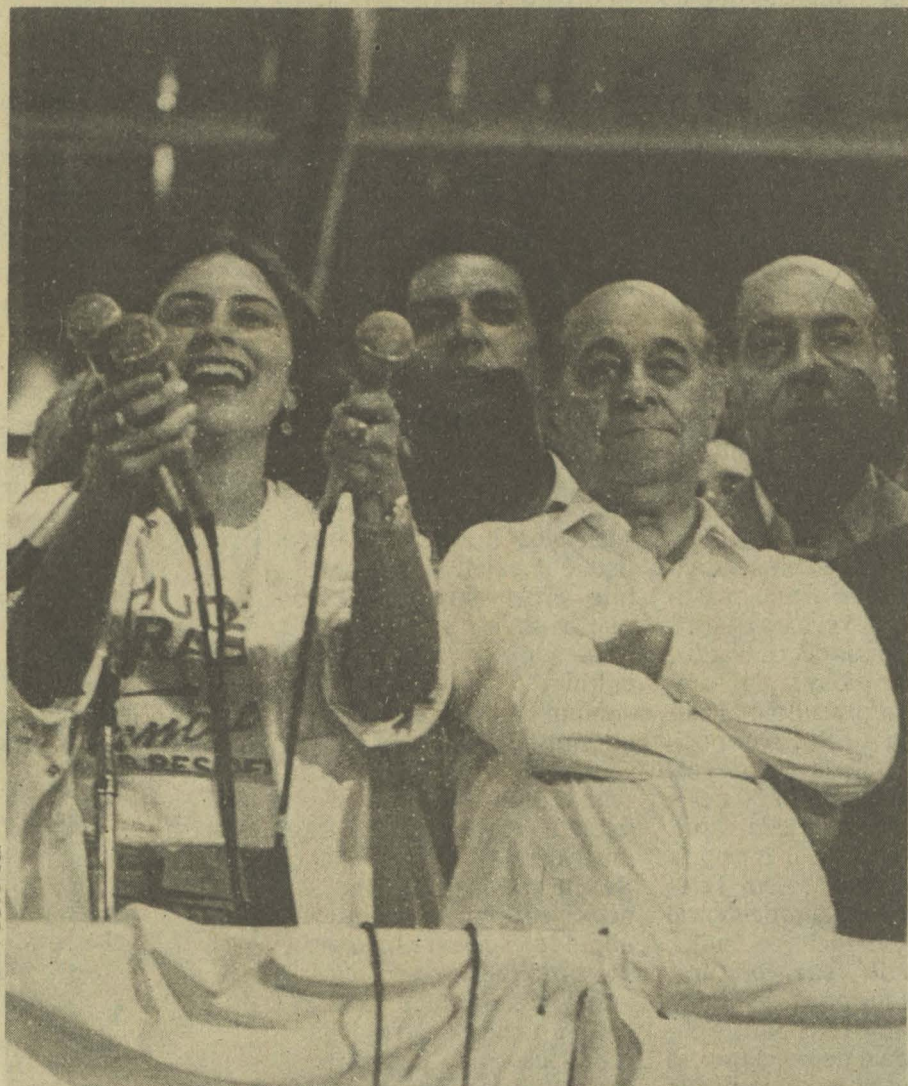
Do Estado do Maranhão veio uma delegação com mais de mil pessoas. E mais gente teria vindo se houvesse transporte suficiente. Em Rio Maria, por exemplo, dezenas de pessoas ficaram aguardando um meio de locomoção que não apareceu. Participaram do comício, além do governador Jader Barbalho, os do Acre, Goiás, Minas Gerais, Paraná e São Paulo. E também um elenco de consagrados artistas, entre os quais Maitê Proença, Moraes Moreira, Tereza Raquel, Tarcísio Meira, Glória Menezes, Walmar Chagas, Raul Cortez, Ruth Escobar, Geraldo Azevedo, João do Vale, Ziraldo e Pinduca, com destaque especial para a filha da terra Fafá de Belém.

Três horas de muitos aplausos e nenhuma vaia

Os oradores e artistas se sucederam ao microfone por mais de três horas, entre muitas palmas e nenhuma vaia. Falaram os representantes dos partidos constrangidos à ilegalidade, também aplaudidos pela multidão. E muito maior teria sido a participação e a alegria do povo se, durante a preparação do ato, não tivesse se criado um clima de tensão — com as ameaças de repressão a quem portasse bandeiras vermelhas.

Submetendo-se à pressão dos comandos militares, que buscam a todo custo dividir a enorme frente que apóia Tancredo, os órgãos estaduais de repressão se dedicaram na véspera do comício a fazer prisões, invasões e apreensões (ver TO nº 189). O secretário de Segurança assumiu a responsabilidade pela operação e declarou à imprensa que ela era do conhecimento do governador. Durante o comício houve mais repressão — dezenas de pessoas presas, algumas espancadas, até por vestirem uma simples blusa vermelha, panfletos e alguns exemplares da *Tribuna Operária* apreendidos. Mesmo o deputado federal Ademir Andrade, apesar das imunidades parlamentares, foi preso e agredido fisicamente.

Mais do que nunca as bandeiras vermelhas passaram a simbolizar a



Tancredo, ao lado do governador Barbalho e de Fafá, filha da terra.

liberdade. E elas foram desfraldadas quando falava o representante da Comissão pela Legalidade do PC do B, Newton Miranda. Durante alguns minutos ajudaram a avivar o colorido da manifestação. Atacadas pela polícia, foram defendidas por seus portadores com ajuda do povo presente, que conseguiram salvar algumas. Após o incidente, um dos oradores manifestou a esperança de que no próximo comício de Tancredo não haja proibição de bandeiras vermelhas, sendo bastante aplaudido.

Povo defendeu bandeiras atacadas pela polícia

No dia seguinte, quando recebia uma comissão de representantes do Comitê Popular Pró-Tancredo, o candidato das oposições disse lamentar os incidentes e prometeu empregar esforços para evitar que se repitam. Ao conhecer o documento contendo as resoluções do Encontro Estadual de Entidades Democráticas e Populares, Tancredo Neves aplaudiu várias das reivindicações apresentadas: eleições diretas em todos os níveis, Constituinte em 1986, reforma agrária ampla e massiva, devolução das terras do Estado do Pará usurpadas pela União e outras.

Uma segunda demonstração do apoio dos paraenses à candidatura única das oposições ocorreu no domingo, dia 14, durante a tradicional

procissão do Círio de Nazaré. O povo vaiou a sede do PDS, ao passar diante dela. E aplaudiu Tancredo, que assistia à procissão da janela de um prédio. Fracassou, portanto, a tentativa de Paulo Maluf visando indispor a população com Tancredo através da manipulação de sentimentos religiosos e da acusação de que o ex-governador de Minas cometia um "sacrilégio".

O representante da Comissão pela Legalidade do PC do B, Newton Miranda, destacou em seu pronunciamento no comício que o "Partido Comunista do Brasil apóia Tancredo e participa de sua campanha porque esta é a continuidade da campanha das diretas que levou milhões de brasileiros às ruas protestando contra a fome, o desemprego, a carestia, o entreguismo e a falta de liberdade. Apóia porque, no momento, é o caminho para a liquidação do regime militar e a conquista da liberdade. Apóia porque este candidato tem um compromisso com a nação, de realizar um governo de transição democrática, convocar uma Constituinte, estabelecer eleições diretas em todos os níveis, mudar a política econômica". Ao mesmo tempo, destacou: "São necessárias medidas enérgicas e corajosas para resolver os problemas que o povo e o país enfrentam: romper com o FMI, suspender o pagamento da dívida externa, conquistar a soberania nacional, realizar uma reforma agrária radical, promover a distribuição das riquezas".

(da sucursal)

Merecida homenagem à figura do tribuneiro

A *Tribuna Operária* não conta com o dinheiro grosso dos anúncios do governo e das empresas capitalistas. Nunca recebe subvenções do exterior. Jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores, só existe graças ao apoio voluntário deste personagem de primeira importância que o Brasil ficou conhecendo pelo nome de *tribuneiro*.

GENTE DO POVO

Os tribuneiros são homens e mulheres, na maioria jovens, às vezes até crianças, às vezes pais e mães de família, ou mesmo velhos lutadores das causas populares. São operários das indústrias, dos transportes ou da construção, camponeses, trabalhadores assalariados das mais diferentes profissões, donas de casa, estudantes universitários e secundaristas, gente do povo, que sofre na carne seus problemas. O que os distingue é que eles perceberam a importância da luta de idéias para o avanço do movimento popular, e aprenderam a usar a *Tribuna* como ferramenta e como arma nesta luta.

São milhares de tribuneiros anônimos espalhados pelo Brasil afora que fazem o jornal chegar toda semana nas capitais e no interior, nas fábricas e sindicatos, nos locais de moradia e estudo, nas bancas de revistas. E o dinheiro das vendas retornar, tostão por tostão, para que a *Tribuna* continue a desempenhar seu papel. É graças a eles que se multiplicam as coletas, as festas, as rifas que ajudam a sustentar o jornal, a enfrentar as permanentes dificuldades financeiras e os ataques da reação — como o incêndio criminoso e o saque ocorrido no último Domingo de Páscoa.

É um trabalho incessante, que exige disciplina e consciência, pago apenas com a sensação de estar contribuindo para uma causa que vale a pena. É também um trabalho que não aparece muito. Longe de proporcionar honrarias, por vezes provoca a raivosa perseguição dos patrões, do governo e seus agentes. Mesmo assim, discretamente, cumpre um papel insubstituível. Semeia nas mentes e nos corações dos trabalhadores as idéias que frutificarão, mais dia, menos dia, na conquista de um mundo novo, sem explorados nem exploradores.

O EXEMPLO DOS PRAVDISTAS

Vale lembrar que sete décadas atrás, na distante Rússia, na época ainda submetida ao tacho da tirania czarista, surgiu um tipo de lutadores da imprensa operária que serve de exemplo para os tribuneiros. Eram os *pravidistas*, que difundiam e sustentavam o "Pravda" ("A Verdade"), jornal de massas dos revolucionários bolcheviques. Também eles faziam um trabalho miúdo, de formiga, e enfrentavam uma dura perseguição, que terminou levando ao fechamento do jornal pelo governo, em 1914. As idéias, porém, estavam plantadas bem fundo na consciência dos trabalhadores russos. Anos depois, em 1917, elas se transformaram numa força material irresistível, que sepultou o apodrecido império dos zares e ergueu no seu lugar a primeira experiência socialista que o mundo conheceu.

Tribuna Operária 3 anos

Debate em Minas Gerais

A sucursal da *Tribuna Operária* em Belo Horizonte promoveu terça-feira, dia 16, na Casa do Jornalista, sede do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais, um debate sobre "a imprensa operária e a sucessão", como parte das comemorações do quinto aniversário do jornal. Com a participação de Bernardo Joffily, do Conselho de Direção da TO, o debate lotou o diretório da entidade e contou com a participação de diversas lideranças sindicais e oposicionistas. Após a exposição, que ressaltou a importância da classe operária acompanhar com agilidade e opiniões próprias a crise política que ganha velocidade no país, o público fez um bom número de perguntas, tratando desde questões específicas da vida do jornal até os temas maiores da democracia e da revolução.

MAIS ASSINATURAS

A conquista de novos assinantes para a TO, peça-chave na difusão e sustentação do jornal, está avançando no interior de São Paulo. Esta semana recebemos de Presidente Bernardes, no extremo oeste do Estado, mais quatro pedidos feitos através do dr. J. Guerra, vereador no município e antigo militante da causa operária e popular, que promete "dar uma virada na questão". De Guarantã, pequeno município numa área de assalariados agrícolas, chegou o pedido de uma assinatura semestral simples com Cr\$ 5 mil a mais, "a benefício da imprensa".

A PÓLVORA E A FAÍSCA

Ao comemorar seu quinto aniversário, a *Tribuna Operária* não poderia deixar de render uma homenagem toda especial dos trabalhadores conscientes sem os quais ela não teria existido por uma semana sequer.

Relembramos em particular a figura de Raimundo Lana, operário metalúrgico de Contagem, Minas Gerais, que morreu tragicamente no seu posto de combate em 1981. Raimundo, 53 anos, morreu como "tribuneiro recordista" de Minas: vendia 40 jornais somente aos operários da fábrica Isomonte, onde trabalhava. Ele costumava dizer: "Se o saber é a faísca e a classe operária é a pólvora, então vamos vender o jornal e preparar o estouro". Hoje, é com alegria que constatamos quanta gente simples, movida muitas vezes apenas por sua intuição de classe, entendeu esta grande verdade e vestiu a camisa de tribuneiro, nas cidades e no campo, do Ioiapoque ao Chui. (Bernardo Joffily)



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Pequeno vendedor da Tribuna: com oito anos de idade, já é um veterano